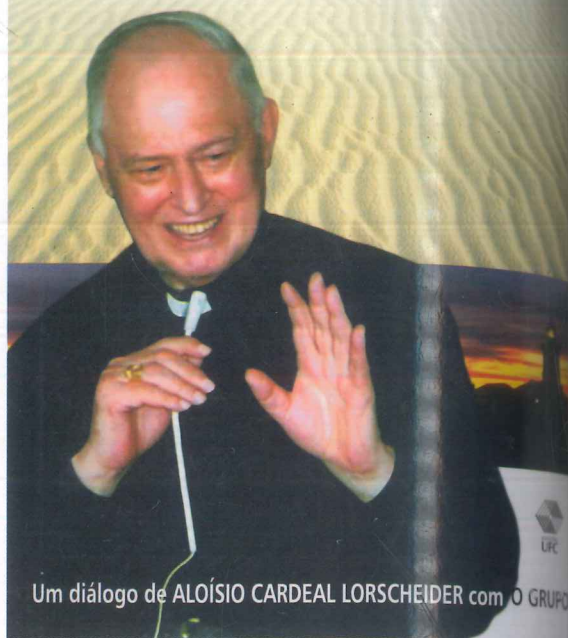


"A Igreja necessita das comunidades eclesiais de base no mundo de hoje, sobretudo no mundo dos empobrecidos, dos marginalizados, dos esquecidos. A Igreja é e deve ser essencialmente, comunidade de fé e de luta, construindo laços fraternos de verdade, não apenas agregar multidões e entretê-las. Todos os movimentos católicos e todas as pastorais devem ter as CEBs como modelo, como forma de ser Igreja."

Mantenham as Lâmpadas **Acesas**

Revisitando o Caminho, Recriando a Caminhada



Um diálogo de ALOÍSIO CARDEAL LORSCHIEDER com O GRUPO

Palavras incisivas como estas marcam o diálogo monumental ao qual Aloísio Cardeal Lorscheider se entregou em 2005, durante cinco dias iluminados, junto a um pequeno grupo de cristão fortalezenses. Os assuntos em pauta? Por um lado, as ricas experiências e lições de um passado eclesial recente, marcado pela liderança de uma geração de bispos latino-americanos engajados pela defesa dos direitos humanos e da vida dos pobres. Por outro, os grandes desafios do novo século em curso e as perspectivas de uma atuação evangelizadora de maior relevância social por parte da Igreja Católica

Obra disponível na Livraria MFC por apenas R\$ 20,00
Pedidos pelo telefax (32) 3218.4239 ou pelo
E-mail: livraria.mfc@gmail.com

fato⁶⁹ e razão



Santa Catarina



Norte/Nordeste

*"Não prejudiquem a terra,
nem o mar,
nem as árvores..." Ap.7.3*

MFC

Movimento Familiar Cristão

Recado dos Editores

Com prazer voltamos à sua presença para lhes apresentar esta edição.

Nela você encontrará uma grande variedade de assuntos como é habitual em nossa revista.

Os autores podem ser conhecidos ou não, mas todos são movidos pelos mesmos propósitos de buscar alternativas para a vida num mundo melhor.

Nunca é demais lembrar que somos ávidos por sugestões e críticas para aperfeiçoar e corrigir eventuais deficiências.

Nossa equipe está permanentemente empenhada em fazer uma revista cada vez melhor.

Suas manifestações serão sempre muito bem recebidas.

Que tenha uma proveitosa e agradável leitura, é o nosso desejo.

fato e razão

Movimento Familiar Cristão
www.mfc.org.br

Conselho Diretor Nacional

José Newton e Ariadna Ribeiro
Alzenir e Nereida Lopes
Paulo Roberto e Palmira Ferrari
Adalberto e Sônia de Jesus
A. Anastácio e Claire de Souza
Mozart e Geralda Carvalho

Editoria e Redação

Hélio e Selma Amorim
João e Arlete Borges
José Maurício e Marly Jorge Guedes
Luiz Carlos e Rita Martins
Oscavo e Terezinha Campos
Jesuliana do Nascimento Ulysses
Maria do Carmo Freitas Schmitz
Itamar David Bonfatti
Rua Barão de Santa Helena, 68
36020-520 Juiz de Fora-MG
E-mail: fatoerazao@gmail.com

Distribuidora Fato e Razão

Atendimento Assinaturas
Livraria do MFC
Pedidos de Publicações MFC
Rua Barão de Santa Helena, 68
36010-520 Juiz de Fora-MG
Telefax: (32)3218-4239
E-mail: livraria.mfc@gmail.com

CTP Pré-Flight e Impressão

DI Gráfica
Av. Rui Barbosa 440 galpão 7
36045-410 Juiz de Fora-MG
Tel.: (32)4009-1300
orcamento@digrafica.com.br

Circulação restrita sem fins comerciais

69

S u m á r i o

O que será dessas crianças?, 3
Editorial

Capitalismo e Ética, 5 *Manfredo Araújo de Oliveira*

Declaração da CNBB Contra a Redução da Maioridade Penal, 8 *CNBB*

Do Bom e do Melhor, 10 *Leila Ferreira*

Juventude Para a Paz, 12 *Combonianos no Brasil*

Literatura e Experiência de Deus, 15
Frei Betto

Plano de Deus: Comunhão Universal Entre Todos e Tudo, 18 *Frei Gilvander Moreira*

Não Fique Tão Sêrio, 26

Poema, 28 *Beatriz Reis*

Fotos, Fatos, Razões, 29

Retratos de Família, 30 *Marcelo Barros*

O Fascínio e a Dificuldade de Ser Casal, 33 *Deonira L. Viganó La Rosa*

Discursos Religiosos, Dicionários e o Reino de Deus, 35 *Jung Mo Sung*

Autonomia ou Hegemonia?, 38 *Emir Sader*

Hoje Não Tenho Mais Esses Sonhos, 41 *Pedro Casaldáliga*

Agir Rápido, Agir Juntos, 44 *Leonardo Boff*

Nem Homem Nem Mulher: Paulo Misógino?, 46 *M^a. Clara Luchetti Bingemer*

Perdoa-nos Pelo Teu Vício, 48 *Eugênio Mattos Viola*

O Capitalismo, na Sua Versão Neoliberal, Agoniza, 51 *Frei Cristóvão Pereira ofm*

Para os Jovens do Corpo e da Alma, 53 *Jorge Leão*

Temário de Formação, 55 *Secretariado de Formação do CONDIR-Sudeste*

Data desta edição: Junho de 2009

Audiovisuais em DVD

O MFC e o Instituto da Família – INFA oferecem programas em DVD.

Em cada DVD, vários programas de 15 minutos.

“Bate-papos” provocativos sobre questões que afetam a família e a sociedade. Para serem usados

- em reuniões de equipes e grupos do MFC
- em reuniões de pais e professores nas escolas
- em canais de televisão, rádios e TVs Comunitárias
- em encontros de noivos ou de casais
- em múltiplos outros eventos.

Para encomendar: Livraria MFC

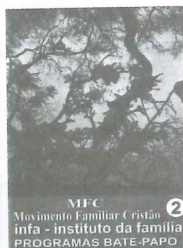
Telefax: (32) 3218-4239 - e-mail: livraria.mfc@gmail.com

DVDs já disponíveis:



DVD 1

- “Drogas: dependência e recuperação”
- “Drogas: mitos e preconceitos”
- “Violência na família”
- “Família na escola”
- “Diálogo & diálogo”
- “Violência e insegurança”
- “Separações e divórcio”



DVD - 2

- “Drogas desafio para o educador”
- “Drogas: da negação à onipotência”
- “Criança agressivas”
- “Aprendizagem bloqueada”
- “Cuidar da voz”
- “Motricidade oral”
- “A família moderna”
- “Sexualidade”



DVD - 3

- “Violência urbana”
- “Insegurança e medo”
- “Idade e maturidade”
- “Ética – princípios que regem as relações humanas.”
- “Ética na política”
- “Auto-estima sem narcisismo”
- “Casamento rompido”
- “Relacionamento conjugal e familiar”
- “Identidade e auto-realização”

Editorial

O que será dessas crianças?

Governos, parlamentos, tribunais, polícias e organizações sociais se sentem perdidos. No Brasil e no mundo. O que estão fazendo com as crianças do nosso tempo? Todos os dias o noticiário nos assusta: sobrevive o trabalho infantil em condições duras, nos campos, nas carvoarias, roubando crianças das salas de aula, driblando ações repressoras dessa prática indecente e criminosa. Mas ultimamente o que recrudescer é a exploração sexual e o envolvimento precoce de menores com drogas baratas e mortais.

Recentemente nos aterrizou a detenção, numa batida policial, de quase quarenta meninos e meninas numa única “cracolândia”, em que se prostituíam para comprar e consumir o crack, as pedrinhas da morte. O local, em plena cidade grande, é frequentado por ávidos clientes depravados em busca de sexo a menos de 2 reais oferecidos por meninos e meninas pré-adolescentes nas calçadas escuras da venda de drogas. Alguns “trabalhavam” por conta própria, outros estavam subordinados a bandidos do sexo, que lhes asseguravam abrigo e proteção, mediante o pagamento de diárias escor-

chantes, obrigando essas crianças a uma atividade frenética a cada jornada. Incluía nessa “proteção” o acompanhamento das meninas a hotéis cúmplices para programas mais caros, mais das vezes com turistas. Confessavam que podiam chegar a seis programas por noite-madrugada.

Quantas outras cracolândias ou organizações criminosas do gênero existirão em atividade na mesma cidade e em tantas outras? O que fazer com crianças detidas e que futuro as espera?

E com os bandidos que não conseguiram escapular e foram para as grades? Não demorará para retornarem às ruas, com mais experiência e retomada mais cuidadosa das mesmas práticas.

Por outro lado, diariamente são revelados abusos físicos e sexuais contra crianças e adolescentes, praticados por pais e padrastos dentro de casa. Passa a ser comum a gravidez de meninas de menos de dez anos. O caso da menina de nove

anos em Recife ocupou a mídia nacional e internacional somente pela desastrada manifestação de um arcebispo descolado da realidade. Era um caso entre muitos que não despertam a mesma atenção. O Hospital estadual Pérola Byington, em SP, referência no tratamento de mulheres vítimas de violência sexual, informa que 43% dos atendimentos diários são de meninas de menos de 12 anos, que engravidaram depois de estupradas. A lei admite e abortos são muitas vezes praticados, reeditando silenciosamente a cada dia o episódio de Recife.

Uma prática igualmente perversa, derivada desta, é a proliferação de casos de pedofilia, em casas de família ou apartamentos de solitários pedófilos de variadas idades, profissões e classes, alguns até com certa projeção social. Essa prática estúpida e doentia se desdobra em fotografias e filmes pornográficos para circular pela internet, com grande acesso de internautas. Prisões são feitas mas certamente só se percebe a ponta do *iceberg*.

Isto sempre existiu, dirão os mais conformados. Mas o que hoje mais assusta é a proliferação, até mesmo geográfica, dessas práticas odiosas. O que será dessas crianças e adolescentes no futuro?

Há políticas nacionais e locais para reverter esse quadro, mas mostram-se ainda insuficientes e pouco eficazes. Os responsáveis por programas oficiais ou não-governamentais para o combate a essa ameaça às novas gerações se sentem muitas vezes perplexos, perdidos e podem desanimar. Será necessário um super-mutirão nacional, de muitas frentes, que identifique e enfrente as causas desses desvios, com os instrumentos da educação, o apoio das igrejas, das organizações sociais intermediárias, dos meios de comunicação (às vezes cúmplices pela baixaria de tantos programas televisivos), da oferta de oportunidades para as vítimas da exploração física e sexual.

Além, naturalmente, da repressão e punição exemplar dos caciques e empresários maiores da exploração do trabalho infantil, especialmente os do comércio do sexo e das drogas, com incentivo e proteção à denúncia cidadã, que exige coragem mas proíbe a omissão.

O que nos toca fazer, cada um de nós, caro leitor, como cidadãos e cristãos comprometidos com a construção de Reino?

Hélio e Selma Amorim.
Membros do MFC e Editores da
Revista Fato e Razão.

ÉTICA

Adital

Manfredo Araújo de Oliveira *

A crise nos interpela a avaliar as raízes estruturais da sociedade que criamos na modernidade precisamente a partir de uma consideração de sua configuração atual apresentada como a realização plena de suas potencialidades: a sociedade mundializada.

Este processo de mundialização se fez em função da efetivação eficiente do objetivo central deste modelo social que é a busca de lucros, de oportunidades de acumulação de capital como fim absolutizado, do controle dos mercados e de áreas de influência.

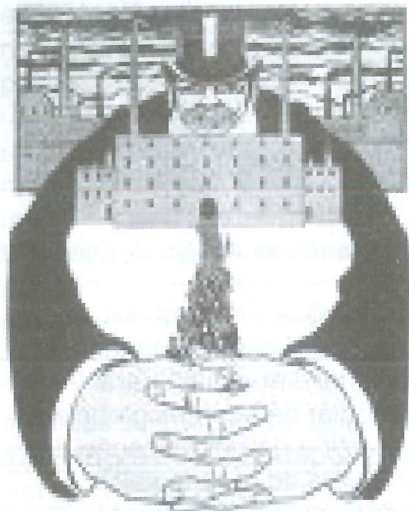
Isto conduz tanto a uma competitividade exacerbada e destruidora da natureza como ao aprofundamento das desigualdades entre países ricos e pobres e entre os setores ricos e pobres no interior dos países.

Um problema grave neste contexto é a inadequação das

instituições vigentes nos três grandes níveis - nacional, regional e mundial - para controlar os agentes globais e garantir a democratização dos produtos do grande salto tecnológico e dos processos de expansão mundial do modelo.

Trata-se aqui de um modelo de crescimento humano centrado na visão do homem como um indivíduo fechado em si mesmo e em suas aspirações, no mercado como instância básica de coordenação da vida social e no lucro como fins últimos da vida societária. Ele conduz a um progresso material gigantesco ligado a uma também gigantesca degradação da dignidade do ser pessoal uma vez que mercantiliza o ser humano em suas diferentes dimensões e o convence a se submeter a este processo como a algo natural.

Nesta concepção, eticamente inaceitável é tudo o que se contrapõe à acumulação e à expansão do capital, uma visão hegemônica em nossos contextos culturais.



Em última instância, esta concepção articula o sentido da vida humana: produzir e consumir ilimitadamente todo tipo de bem material, portanto, acumulação de bens materiais e maximização do consumo, o que significa uma redução da vida humana à sua dimensão material que em última análise significa o não reconhecimento efetivo da dignidade humana.

Desta forma, um materialismo radical rege as relações entre pessoas e povos.

Quem não tem capital e poder de compra não é reconhecido. É a lógica da exclusão: aqui a pessoa humana não constitui peso decisivo no cálculo do sistema que é voltado a uma acumulação cada vez mais eficiente do capital. Este processo termina por reduzir o ser humano a um instrumento

da acumulação propiciada por seu trabalho convertido em mercadoria. Hoje em muitos casos ele não chega nem a isto porque se transforma em mão-de-obra excedente. Esta forma de organizar a vida coletiva se contrapõe à igualdade fundamental de todos os seres humanos e isto estruturalmente porque aqui uns são donos e gestores do capital em todas as suas formas enquanto outros na melhor das hipóteses são donos de sua capacidade de trabalhar.

Neste sentido se deve dizer que esta estruturação social se radica na exploração porque apenas uma minoria se apropria dos benefícios do que a maioria produz. Assim, ela ignora no curso de sua efetivação as oportunidades desiguais dos cidadãos, submete-os a uma competição cruel e produz um ser humano voltado para si mesmo e para suas aspirações. Este tipo de personalidade identifica o sentido da vida pessoal com poder aquisitivo e consumo.

Assim se alimenta uma situação de injustiça que provoca a violência e se defende um modelo industrial de crescimento que não contabiliza os inúmeros custos externos da produção e menos ainda as consequências em custos sociais e ecológicos.

Tudo significa dizer que este modelo socioeconômico se radica em valores e gera atitudes que destroem a dignidade do ser humano e tenta sufocar os movimentos de solidariedade que trazem à opinião pública o debate sobre um modelo alternativo.

Uma vida ética aqui implica confrontação radical com um sistema incompatível com a dignidade de que é portador o ser humano.

** Doutor em Filosofia e professor da UFC. Presidente da Adital*

Cada família do MFC - uma assinatura por ano!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias:

VENDA OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO, UMA ASSINATURA DE

fato e razão

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC

Assinatura anual: R\$30,00 (Trinta reais)(4 números)

Preço para o ano 2009

Distribuidora MFC de Fato e Razão

Rua Barão de Santa Helena, 68 - Juiz de Fora-MG - cep 36010-520

Tel./Fax (32) 3218-4239

E-mail: fatoerazao@gmail.com

livraria.mfc@gmail.com

DECLARAÇÃO DA CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

CONTRA A REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL



"Todas as vezes que fizestes isso a um desses mais pequenos (...) foi a mim que o fizestes" (Mt 25,40)



O Brasil enfrenta uma onda generalizada de violências sob os mais variados aspectos e pontos de vista. São violências que vão desde a negação ou privação dos direitos básicos à vida até àquelas que geram insegurança, apreensão, medo.

Campanhas equivocadas criminalizam crianças, adolescentes e jovens como principais responsáveis dessas ações violentas, quando na verdade, frequentemente, os maiores culpados ficam totalmente impunes.

Os atos violentos, os crimes, o narcotráfico, envolvendo-os, a cada dia, em sua perversa trama, tiram-lhes as possibilidades de plena realização e os afastam de sua cidadania.

Neste contexto, o Senado volta a discutir a redução da maioridade penal com argumentos que poderiam ser usados também para idades menores ainda, como se esta fosse a solução para a diminuição da violência e da impunidade. A realidade revela que crianças, adolescentes e jovens são vítimas da violência. Muitas vezes são conduzidos aos caminhos da criminalidade por adultos inescrupulosos.

A CNBB entende que a proposta de redução da maioridade penal não soluciona o problema.

Importa ir a suas verdadeiras causas, que se encontram, sobretudo, na desagregação familiar, na falta

de oportunidades, nas desigualdades sociais, na insuficiência de políticas públicas sociais, na perda dos valores éticos e religiosos, na banalização da vida e no recrutamento feito pelo narcotráfico. Reafirma a CNBB que a redução da maioridade penal violenta e penaliza ainda mais adolescentes, sobretudo os mais pobres, negros, moradores de periferias.

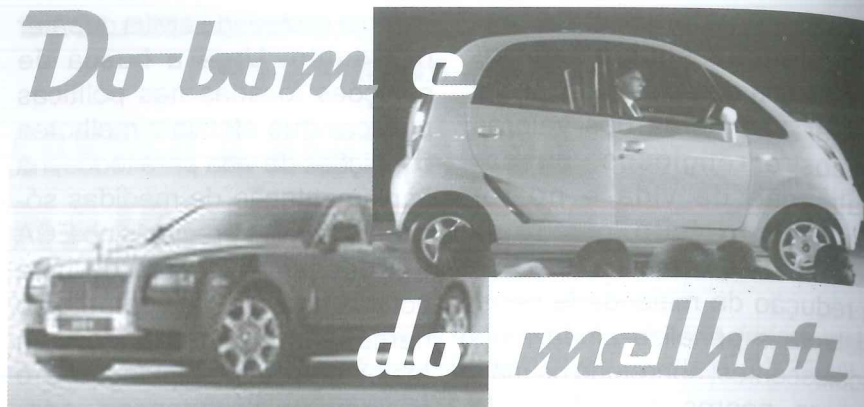
Persistir nesse caminho seria ignorar o contexto da cláusula pétrea constitucional - Constituição Federal, art. 228 - além de confrontar a Convenção dos Direitos da Criança e do Adolescente, as regras Mínimas de Beijing, as Diretrizes para Prevenção da Delinquência Juvenil, as Regras Mínimas para Proteção dos Menores Privados de Liberdade (Regras de Riad), o Pacto de San José da Costa Rica e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instrumentos que demandam proteção especial para menores de 18 anos. Crianças, adolescentes e jovens precisam ser reconhecidos como sujeitos na sociedade e, portanto, merecedores de cuidado, respeito, acolhida e principalmente oportunidades.

A Igreja no Brasil conclama os poderes públicos - Executivo, Legislativo e Judiciário - bem

como a sociedade civil a debater o assunto. Urge a busca de soluções focadas nas políticas públicas que efetivem melhores condições de vida para todos, na implementação de medidas sócio-educativas previstas no ECA e no desenvolvimento de uma política nacional de combate ao narcotráfico, penalizando com maior rigor a manipulação e o aliciamento de crianças, adolescentes e jovens pelo crime organizado. A Igreja Católica, através de suas comunidades eclesiais, pastorais, movimentos e entidades sociais, desenvolve projetos sócio-educativos, profissionalizantes, de recuperação de dependentes químicos e de atendimento a adolescentes autores de ato infracional, obtendo resultados que indicam à sociedade caminhos a partir de ações educativas e não punitivas.

A CNBB se une a todos os brasileiros que trabalham para que se cumpra a premissa básica da Constituição Federal, art. 227: "CRIANÇA E ADOLESCENTE PRIORIDADE ABSOLUTA" e reafirma sua posição contrária à redução da maioridade penal.

Indaiatuba, São Paulo, 24/04/2009



Estamos obcecados com “o melhor”. Não sei quando foi que começou essa mania, mas hoje só queremos saber do “melhor”. Tem que ser o melhor computador, o melhor carro, o melhor emprego, a melhor dieta, a melhor operadora de celular, o melhor tênis, o melhor vinho.

Bom não basta.

O ideal é ter o top de linha, aquele que deixa os outros pra trás e que nos distingue, nos faz sentir importantes, porque, afinal, estamos com “o melhor”.

Isso até que outro “melhor” apareça - e é uma questão de dias ou de horas até isso acontecer. Novas marcas surgem a todo instante. Novas possibilidades também. E o que era melhor, de repente, nos parece superado, modesto, aquém do que podemos ter.

Leila Ferreira *

O que acontece, quando só queremos o melhor, é que passamos a viver inquietos, numa espécie de insatisfação permanente, num eterno desassossego.

Não desfrutamos do que temos ou conquistamos, porque estamos de olho no que falta conquistar ou ter. Cada comercial na TV nos convence de que merecemos ter mais do que temos. Cada artigo que lemos nos faz imaginar que os outros (ah, os outros! ...) estão vivendo melhor, comprando melhor, amando melhor, ganhando melhores salários.

Aí a gente não relaxa, porque tem que correr atrás, de preferência com o melhor tênis. Não que a gente deva se acomodar ou se contentar sempre com menos. Mas o menos, às vezes, é mais do que suficiente. Se não dirijo a 140,

preciso realmente de um carro com tanta potência?

Se gosto do que faço no meu trabalho, tenho que subir na empresa e assumir o cargo de chefia que vai me matar de estresse porque é o melhor cargo da empresa? E aquela TV de não sei quantas polegadas que acabou com o espaço do meu quarto?

O restaurante onde sinto saudades da comida de casa e vou porque tem o “melhor chef”?

Aquele xampu que usei durante anos tem que ser aposentado porque agora existe um melhor e dez vezes mais caro? O cabeleireiro do meu bairro tem mesmo que ser trocado pelo “melhor cabeleireiro”?

Tenho pensado no quanto essa busca permanente do melhor tem nos deixado ansiosos e nos impedido de desfrutar o “bom” que já temos.

A casa que é pequena, mas nos acolhe.

O emprego que não paga tão bem, mas nos enche de alegria. A TV que está velha, mas nunca deu defeito.

O homem que tem defeitos (como nós), mas nos faz mais felizes do que os homens “perfeitos”.

As férias que não vão ser na Europa, porque o dinheiro não deu, mas vai me dar a chance de estar perto de quem amo. O rosto que já não é jovem, mas carrega as marcas das histórias que me constituem.

O corpo que já não é mais jovem, mas está vivo e sente prazer. Será que a gente precisa mesmo de mais do que isso? Ou será que isso já é o melhor e na busca do “melhor” a gente nem percebeu? ...

*** Jornalista**

“Ter senso comum significa aceitar o mundo como ele é hoje. Porém, as pessoas criativas não desejam o mundo como ele é; querem construir um novo.

Para fazer isso, elas têm de ter capacidade de abandonar a superfície da terra, de imaginar, de fantasiar e mesmo de serem loucas, pois as características de criatividade estão bem próximas da loucura.”

A. Maslow

Juventude para a paz!

Galera jovem construindo a paz



“Na verdade, as juventudes são construtoras de um mundo que se renova e devem ser tratadas pelas suas potencialidades e força de mobilização”. (Kelma S. Lopes) *

Diante das crises que assolam a nossa sociedade, hoje, mais do que apontar para a interminável série de causas dos problemas delas decorrentes, o mundo necessita de alternativas e propostas de solução criativas e de medidas de intervenção ousadas que envolvam cada vez mais um maior número de atores no processo de mudança. Chegou, enfim, a hora de aprendermos a exercitar o paradigma que faz do “problema” parte da “solução”!

Nesse sentido, ao falar dos problemas que atingem particularmente aos jovens ou do

“problema” que eles representam para a sociedade, para algumas instituições e para os governos, devemos passar a reconhecê-los (como a própria ONU insiste) sendo parte da “solução”!

Aliás, para quem tem um olhar mais depurado sobre os fenômenos sociais, está claro que uma das causas da violência gerada por jovens é justamente a reduzida possibilidade de expressão de suas potencialidades e de participação nos processos de transformação da sociedade. Na perspectiva do mundo de amanhã (que já está sendo construído), eles ficam, na maioria das vezes, de fora!

Diante disso, é inconcebível continuar postergando o engajamento dos jovens nos processos de decisão daqueles espaços onde eles são presença

significativa e até majoritária, onde são construídas ou reforçadas as identidades juvenis e onde se joga a qualidade de vida (presente e futura) deles: escolas, igrejas, associações, clubes, órgãos de elaboração de políticas públicas, etc.

Sabe-se que os jovens, por “natureza” ou por necessidade de pertença e de definição da própria identidade pessoal, tendem a identificar-se ou a integrar-se em grupos mais ou menos homogêneos, por afinidade de desejos, de interesses, de gostos e de vivências, mas também de valores. Quase que espontaneamente, eles formam (com relativa facilidade) grupos e aderem a “tribos” urbanas diferenciadas. Eles curtem ficar com a “galera”!

Seguindo essa predisposição inata a construir relações que fogem dos padrões sociais e institucionais já impostos, os jovens tendem a integrar-se em redes de relacionamento menos piramidais e hierárquicas, mais “circulares”, onde a interação, a troca e ação comum prevalecem. Todavia, alguns desses grupos, quando chegam a ter certa consistência numérica e de objetivos, correm o risco de fecharem-se em si mesmos, não permitindo ou dificultando o

ingresso de novos membros ou “desligando-se” das problemáticas que, no momento, parecem-lhe “alheias”.

Mas, quando esses grupos adotam uma dinâmica de crescimento permanente, de formação e qualificação dos seus membros e de abertura aos desafios e apelos da realidade que os circunda e quando eles se mantêm sensíveis a questões como a luta pela paz, a reivindicação de direitos próprios e alheios e o cuidado sócio-ambiental, eles constituem-se em autênticos espaços de formação de agentes que incidem e se comprometem com a transformação do seu entorno, da sociedade e do mundo.



Inúmeras experiências (no Brasil e pelo mundo afora) demonstram que eles desejam e são capazes de participar, efetivamente, em círculos de reflexão/ação onde valores como o cuidado, o respeito, a justiça, a generosidade, a cooperação e

a solidariedade e as práticas da não-violência ativa se entrelaçam formando, inclusive, círculos cada vez mais amplos, concêntricos ou interligados, assumindo a forma de autênticas redes de jovens pela paz.

Façamos circular essa idéia!

Questões para reflexão e debates:

1. O que temos feito em nossas comunidades para integrar os jovens?
2. Quais os resultados dessas experiências?

ELEITORES BRASILEIROS... (divirtam-se)

Um sujeito comprou uma geladeira nova e para se livrar da velha, colocou-a em frente da casa com o aviso: "De graça. Se quiser, pode levar". A geladeira ficou três dias, sem receber um olhar dos passantes. Ele chegou à conclusão que as pessoas não acreditavam na oferta. Parecia bom demais pra ser verdade, e ele mudou o aviso: "Geladeira à venda por R\$ 50,00". No dia seguinte, ela tinha sido roubada!

Cuidado! Esse tipo de gente vota!

Olhando uma casa para alugar, meu irmão perguntou à corretora de imóveis de que lado era o Norte, porque não queria que o sol o acordasse todas as manhãs. A corretora perguntou: "O sol nasce no norte?" Quando meu irmão

** A frase, tomada do livro "Um olhar sobre juventudes e violências", é da Profª. Dra. Kelma Socorro Lopes de Matos, Depto. de Fundamentos da Educação; Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC*

*Publicado em Ecooos -
Combonianos Brasil Nordeste
pela justiça e paz.*

explicou que o sol nasce no Leste (aliás, há um bom tempo isso acontece) ela disse: "Eu não me mantenho atualizada a respeito desse tipo de coisa".

Ela também vota!

Antigamente, eu trabalhava em suporte técnico num centro de atendimento a clientes em Manaus. Um dia, recebi um telefonema de um sujeito que perguntou em que horário o centro de atendimento estava aberto. Eu disse a ele: "O número que o senhor discou está disponível 24 horas por dia, 7 dias por semana." Ele perguntou: "Pelo horário de Brasília ou pelo horário de Manaus?" Pra acabar logo com o assunto, respondi: "Horário de Manaus."

Ele vota!



Pela literatura, o verbo se faz carne. Embora a música seja, na minha opinião, a mais sublime das artes, a literatura é a mais sagrada. Deus a escolheu para, através dela, se revelar a nós. Escolheu uma escrita, a semítica, e um gênero próximo da ficção, pois em toda a Bíblia não há uma única aula de teologia, um ensaio doutrinário, um texto conceitual. É toda ela uma narrativa pictórica - vê-se o que se lê.

Os livros bíblicos reúnem uma sucessão de fatos históricos e alegóricos (parábolas, metáforas, aforismos), entremeados de genealogias, axiomas, provérbios, poemas (Cântico dos Cânticos e Salmos) e detalhes técnicos e ornamentais (a construção do Templo cf. 2 Crônicas).

Como frisa Herbert Schneidau, a Bíblia pode ser

Literatura e Experiência de DEUS

Frei Betto *

considerada "prosa de ficção historicizada". Historicizada porque se distancia do universo das lendas e dos mitos, embora haja matéria-prima lendária subjacente ao Gênesis no relato sobre Davi, na saga de Jó e em parte dos Livros dos Reis.

Os autores bíblicos se afastaram, deliberadamente, do gênero épico (Homero e Virgílio), o que se explica pela rejeição do politeísmo. O que impregna a escrita bíblica é o senso de historicidade. Ela rompe com a circularidade do mundo mitológico e apresenta-nos um Deus que tem história: Javé, o Deus de Abraão, Isaac e Jacó. Nela a historicidade se faz presente na descrição dos cinco primeiros dias da Criação, antes do surgimento daquele que viria a ser considerado o protagonista do processo histórico: o ser humano. Há uma evolução, simbolizada na sucessão dos seis dias.

O que faz de nós imagem e semelhança de Deus é a capacidade de amar e a linguagem. Animais também amam, tanto que certos pássaros, como os pardais, se mantêm fiéis após se acasalarem. Mas somente o ser humano possui um nível de consciência que lhe permite ordenar e expressar sentimentos, emoções, intuições e afetos. Isso nos faz semelhança divina.

Deus é amor e seu afeto por nós se manifesta na linguagem contida na narrativa bíblica e na epifania do Verbo que, entre nós, se fez carne.

A escrita é uma forma de tentar organizar o caos interior. Por isso, todo artista é clone de Deus. A escrita é terapêutica, libertadora. Hélio Pellegrino, psicanalista, atribuía a minha sanidade mental no decorrer de meus anos de prisão ao fato de eu ter literalizado a vida de cadeia. O meu mundo é recriado quando lanço mão de vocábulos e regras sintáticas para dar forma e expressão ao que penso e sinto. Assim, transubstancio a realidade, projeto-me em algo que, fora de mim, não sou eu e,

no entanto, traduz o meu perfil interior de um modo que eu jamais conseguiria pela simples fala.

A escrita constitui uma forma de oração, como bem sabia o salmista. A experiência de Deus antecede e ultrapassa a escrita. No entanto, o pouco que dela se sabe é por meio da escrita; raras vezes por experiência pessoal. Grandes místicos, como Buda, Jesus e Maomé, nada escreveram. O que sabemos deles e de seus ensinamentos é graças a quem teve o trabalho de redigir.

Ainda que o próprio místico possa fazê-lo, como são exemplos Plotino, Mestre Eckhart e Charles de Foucauld, há um momento em que a experiência de Deus ultrapassa os limites da palavra. É inefável. Como diz Adélia Prado, "Se um dia puder, nem escrevo um livro" (Círculo). "Não me importa a palavra, esta corriqueira, / Quero é o esplêndido caos de onde emerge a sintaxe, / A palavra é disfarce de uma coisa mais grave, surda-muda / foi inventada para ser calada. / Em momentos de graça, infrequentíssimos, / se poderá apanhá-la: um peixe vivo com a mão. / Puro susto e terror (Antes do nome).

João da Cruz, patrono dos poetas espanhóis, deixou três de seus quatro livros inacabados. Tomás de Aquino considerou, após seu êxtase em Nápoles, que toda a sua obra não passava de "palha". E não mais escreveu.

Há no enfoque adiliano uma empatia com o poema Ash-Wednesday (Quarta-feira de Cinzas), de T. S. Eliot, escrito em 1930, três anos após a conversão do poeta ao cristianismo. Na quinta parte, Eliot canta que "a palavra perdida se perdeu", "a usada se gastou", mas perdura no "Verbo sem palavra, o Verbo. Nas entranhas do mundo".

Toda poesia de qualidade é polissêmica. É verso que faz emergir nosso reverso. É canto que encanta, desdobra em múltiplo o nosso ser e nos induz a encontrar aquela pessoa que realmente somos e, no entanto, em nós reside como um estranho que provoca temor e fascínio.

É à poesia que o apóstolo Paulo recorre quando, no discurso no Areópago (Atos dos Apóstolos 17, 28), expressa a nossa ontológica e visceral união com Deus: "Nele vivemos, nos movemos e existimos, como alguns dos vossos, aliás, já disseram: 'Porque somos também de sua raça'."

Trata-se de uma citação livre da obra *Fenômenos*, de Arato, poeta que viveu na Cilícia no século III a.C. O texto originário é: "Começamos com Zeus, de que nós mortais nunca deixamos de lembrar. Porque toda rua, todo mercado está cheio de Zeus. Mesmo o mar e o porto estão cheios da divindade. Em todo lugar todo mundo é devedor a Zeus. Porque somos, na verdade, seus filhos... (Phaenomena 1-5)."

**Escritor e assessor de movimentos sociais. Autor, em parceria com Marcelo Barros, de "O amor fecunda o Universo - ecologia e espiritualidade" (Agir), entre outros livros.*

"A ética reside na qualidade das opções humanas. A evolução nos deu as pirâmides, a nona sinfonia, a teoria da relatividade, mas também a queima das bruxas, o Holocausto e a bomba de Hiroshima."

Autor desconhecido

PLANO de DEUS: Comunhão Universal entre TODOS e TUDO

Frei Gilvander Moreira*

“Nosso Deus tem um plano, e este plano coincide com os melhores planos de todas as pessoas e de todos os povos: a vida, no tempo e mais além da morte, a paz da justiça, a liberdade na diversidade, a unidade da família humano-ecológica, num mundo sem primeiro nem terceiro, dentro da lei suprema do amor. Este plano é nosso plano”. (Texto-Base do 10º Intereclesial das CEBs - Comunidades Eclesiais de Base).

“Toda a criação geme e sofre em dores de parto” (Rm 8,22)

“Que todos tenham vida (e liberdade) em abundância”. (Jo 10,10)

1. Introdução

Um camponês do município de Arinos, noroeste de Minas Gerais, me disse: “O mundo vai mal, porque as pessoas não seguem o Plano de

Deus. Leis justas são as leis de Deus”. Feliz a pessoa que segue a vontade do Deus da Vida, solidário e libertador. Mas, como descobrir o que é vontade de Deus?

Plano é plano e Deus é Deus. Plano é projeto e convida à participação; não é algo acabado, é processual, está em construção e demanda corresponsabilidade. Queremos falar sobre Plano de Deus, não plano dos Talibãs e muito menos plano de Talibush. Infelizmente, em nome de Deus, verdadeiros genocídios, massacres e atrocidades têm sido feitos ao longo dos séculos e na atualidade.

Quem é Deus? A resposta a esta pergunta exige resposta à outra, existencial: Quem somos nós? Não podemos reduzir Deus a uma projeção humana. O grande filósofo Feuerbach já denunciou os riscos de confundirmos Deus com projeções humanas.

No passado e no presente, muitas imagens de Deus serviram e servem para meter medo nas pessoas, paralisá-las, mantê-las na infantilidade. Precisamos desconstruir imagens de Deus e reconstruir outras imagens mais libertadoras. O Deus verdadeiro abomina toda e qualquer idolatria, seja ela do mercado, do capital, da tecnologia ou do devocionismo. Nosso Deus nunca foi vingativo, não pune, não mete medo, não é “onipotente” (ou todopoderoso). Nosso Deus é Amor, 1000% amor, só misericórdia (1Jo 4,8).

2. Partindo da nossa realidade

A estrutura de violência e de exclusão nos fragmenta e está nos deixando em cacos. É hora de recompor os cacos em um grande e articulado mosaico; é hora de reintegrar as nossas forças e as energias vitais.

Vivemos um tempo perigoso. Tempo de fundamentalismos, de céus povoados de anjos e entidades, de demônios por todos os lados, de gritaria de deuses, de promessas, de busca insaciável de bênçãos, de procissões, de peregrinações, de necessidade de expiação, de moralismo, de religiões sem Deus, de salvação sem escatologia, de cristianismo

light, de libertações que não vão muito além da autoestima.

Clamores ensurdecedores brotam dos porões da humanidade. A mãe Terra clama para ser salva. Medo, insegurança e instabilidade atingem a todos.

Estamos vivendo uma revolução profunda: a da era da cibernética, da robótica, da internet. Na história da humanidade já atravessamos diversas revoluções profundas, tais como a revolução da agricultura, na época do neolítico e a revolução industrial, na época moderna. As revoluções profundas trazem mudanças substanciais na forma de encarar o mundo, nas relações e na estruturação da vida social, política, econômica, cultural e religiosa.

As colunas mestras que sustentavam a sociedade moderna estão em crise profunda:

=a família não consegue ser mais aquela família de 30 ou 40 anos atrás, em que o pai patriarcal reinava e mulher e filhos obedeciam;

=o Estado não consegue, melhor dizendo, não interessa a ele ser instrumento da realização do bem comum;

=a escola não está conseguindo formar para humanidade;

=a religião e as igrejas estão, também, em crise.

Estamos numa travessia. João Guimarães Rosa termina Grande Sertão Veredas dizendo que o que importa é a travessia.

Vivemos tempos de desconstrução e de reconstrução. Construções antigas não respondem mais aos apelos hodiernos. Como fazia o profeta Jeremias, primeiro precisamos destruir e arrancar para depois construir e plantar (Jr 1,4-10). Ou como filosofava Nietzsche: primeiro, temos que quebrar todos os ídolos para deixar irromper no humano o Deus verdadeiro e libertador.

3. Olhando no retrovisor que é a Bíblia

Para entender o Plano do Deus da vida, é salutar olhar no "retrovisor" que a Bíblia representa, e especificamente, voltar nossos olhos com benevolência para o ensinamento e testemunho de Jesus de Nazaré, pois Ele nos ajuda a conhecer melhor Deus, nosso Pai e Mãe de infinito amor.

Para Jesus, e para o cristianismo, o Deus verdadeiro está no outro,

preferencialmente. Está em cada um/a de nós, mas está, por excelência, no outro a partir do outro que sofre.

Deus não pede nada para si, não quer ser objeto do nosso amor. Deus é sujeito de amor. A quem diz a Deus: "Quero te amar!", Ele responde: "Ficarei muito feliz se você amar o seu próximo, o outro, seu irmão". "Não se preocupe comigo; ame meus filhos e filhas que são todas as criaturas", poderia continuar Deus dizendo.

O programa de Jesus apresentado na sinagoga de Nazaré (Lc 4,18-21) compõe-se de um plano de libertação integral, que inclui libertação política (libertação dos presos), social e econômica (evangelização dos pobres), ideológica (restituição da visão) e religiosa/espiritual (proclamação do Ano de Graça do Senhor). Assim Jesus apresenta o Plano de Deus: libertação integral para todos e tudo.

O Plano de Deus é que não existam empobrecidos na sociedade (Dt 15,4) e que não existam excluídos, mas que todos sejam incluídos como cidadãos/as.

Exemplos:

-Fazer memória do Ano do Jubileu e do Ano Sabático geram esperança, acorda potencialidades adormecidas;

-a palavra "quilombo", pronunciada ou ouvida, tem o poder de nos recordar a capacidade de resistência do povo negro e de renovar nossas energias.

O Plano de Deus defende uma comunhão holística (total) - material e de participação na mesma mesa da vida. Nosso Deus, solidário e libertador, não quer somente fraternidade espiritual ou de amizade, mas também fraternidade econômica, política e cultural. Não agradam ao Espírito de Deus pessoas que se encontram para a eucaristia aos domingos, mas que durante a semana são umas opressoras das outras. O evangelista Lucas quer "estourar" as oposições de classes. Se ricos e pobres, judeus e não judeus, homens e mulheres, trabalhadores e patrões comem em lugares diferentes, moram em casas de qualidades diferentes, o cristianismo terá um conteúdo diferente para cada grupo e não haverá realmente comunhão. É ilusória a comunidade na qual uns se banqueteiam e outros passam fome, uns têm casas próprias e outros amargam aluguéis caríssimos, uns ga-

nam demais e outros ganham quase nada, uns vivem no luxo e outros sobrevivem do/no lixo; uns detêm o poder (1) e outros são subjugados.

O teólogo da libertação, Leonardo Boff, nos ajuda a superar certas concepções reducionistas que empobrecem o nosso viver.

Quanto mais alargamos nosso modo de entender a vida, a realidade que somos e que nos envolve, melhor a qualidade de vida.

O plano de Deus é que vivamos como uma verdadeira Comunidade de Vida. Não dá para continuarmos pensando que existe o meio ambiente, a ecologia e nós os humanos, como se fôssemos superiores ao resto da criação. Basta de antropocentrismo. É hora de percebermos que fazemos parte de uma grande Comunidade de Vida, composta por todos os seres minerais, animais, vegetais e humanos. Somos todos filhos e filhas do mesmo forno. Todos e tudo estão conectados numa relação de interretroprojeção. Tudo o que acontece com os demais membros desta Comunidade de Vida acontecerá conosco, mais cedo ou mais tarde.

Temos vocação para o infinito, somos herdeiros do céu e da terra. Nosso Deus é o Deus que no processo evolutivo cria todas as formas de Vida. Jesus veio para que todos tenham "vida e vida em abundância" (Jo 10,10). A fé no Deus solidário e libertador, na força escondida nos pequenos e a esperança de que construir um outro mundo é possível, necessário e urgente, nos dá força para caminhar. É Deus quem nos anima: "Segure os soluços e enxugue as lágrimas, porque há uma esperança para a sua dor... existe uma esperança de futuro" (Jer 31,16-17).

Quem se sente participante ativo do Plano de Deus é entusiasmado. Entusiasmar-se é muito mais do que sentir Deus dentro de si; é cultivar a convicção de que vivemos dentro de um Deus compassivo-misericordioso e libertador, um Deus cujo sangue ferve de indignação com toda e qualquer injustiça, contra qualquer criatura, em qualquer parte do universo. Vivemos inundados por Deus. Ele nos envolve, permeia toda a nossa existência, perpassa-nos. Poderíamos dizer que "nós somos os peixes e Deus é o mar": uma imensidão de gratuidade e de presença amorosa libertadora. "Em Deus

vivemos, nos movemos e existimos" (At 17,28). Deus é sempre mais e sempre maior.

O Artista maior das nossas vidas não é "onipotente", porque não age como ditador impondo a sua vontade. Deus não é padrasto; não é paternalista; não é assistencialista. Deus não atropela as nossas liberdades. Por isso não impõe nada, mas se limita a propor ternamente. Podemos dizer sim ou não ao seu projeto libertador e humanizador e temos que assumir as consequências. Por ser amor, Deus é eminentemente "frágil", pois nos deixa livres, respeita o nosso direito de ser diferente, muitas vezes tem "uma paciência danada" conosco, e sabe que mais cedo ou mais tarde daremos a nossa adesão ao seu projeto de amor e de libertação que se realiza em tempos de exclusão. A ação de Deus é como fogo no capim seco ou como água morro abaixo: ninguém segura.

Deus respeita o princípio de subsidiariedade, ou seja, o maior não faça o que o menor pode e deve fazer. Deus não intervém no que pode e deve ser feito pela humanidade. Deus é santo, ou seja, é o totalmente Outro. Nós somos criaturas cocriadoras. Incomoda a muita gente o fato de Deus parecer

estar de braços cruzados na arquibancada da vida, enquanto 2/3 da humanidade é crucificada. Uma pessoa incomodada com o sofrimento dos inocentes questionou um sábio indiano: "Deus não faz nada para salvar os inocentes da cruz?" O sábio respondeu: "Fez você!"

4. O Plano de Deus passa pelo resgate da Teologia da Criação

Para contribuirmos com o plano de Deus precisamos resgatar a Teologia da Criação. Basta de considerar o pecado original como ponto de partida para pensar e organizar a vida. A Criação é o ato primeiro. A partir da Teologia da Criação podemos reinterpretar o episódio do pecado original em chave filosófico-antropológica, que nos leva à seguinte reflexão: o mito do pecado original fala do processo de maturação pelo qual todos nós somos convidados/as a passar. Aquele "deus" que proibiu os seres humanos comer do fruto da árvore do conhecimento queria que os humanos se mantivessem sempre na fase infantil, sempre submissos e dependentes para que ele pudesse ser onipotente, todo-poderoso. Mas a mulher (Eva) se rebelou contra a idéia de ficar sempre infantil e dependente, quis crescer,

ganhar autonomia. Vemos então que em Gn 2,4b-3,24 há um mito sobre o amadurecimento humano. Enterremos a idéia de pensar teologicamente a partir do pecado (original). Este é ato segundo que induz ao pessimismo e o complexo de culpa. Façamos Teologia a partir do ato primeiro que é a Criação, fruto bom e gratuito do infinito amor que Deus tem por nós.

5. A Física Quântica inspira um novo Plano de Deus

A nova Física Quântica, na esteira da teoria da relatividade, "princípio da indeterminação (2)", nos faz repensar o Plano de Deus, a vida e a nossa organização. O estudo das partículas subatômicas tem mostrado que não existem elementos fundamentais isolados, mas uma rede extremamente complexa de relações e interconexões, não constituindo as partículas objetos ou coisas independentes, mas um conjunto de conexões. Deparamo-nos com feixes de energia, não com substâncias materiais, como pensava a Física clássica. Não existe dualismo entre matéria e energia. Matéria é energia condensada e energia é matéria "volatilizada". A matéria, colocada sob altíssima velocidade, se transforma em energia e esta, sob baixa

velocidade, se transforma em matéria. Assim matéria e energia se relacionam não mais em termos de oposição e confronto, mas em termos de complementariedade, de cooperação.

O ser humano passa a ser visto como um sistema complexo de relações e conexões, em intimidade com o todo que é a família humano-ecológica. Emerge, assim, uma imagem do ser humano integrado, que articula em equilíbrio dinâmico, o racional e o intuitivo, a autoafirmação e a cooperação, o yin e o yang, o masculino e o feminino. Nessa visão do ser humano, o que predomina é a complementação e não mais a oposição ou a luta (3).

Uma visão integrada do ser humano é própria do mundo cultural judaico-semita. No mundo bíblico o ser humano é visto como uma unidade. Os termos bíblicos utilizados, seja em hebraico (nefesh, basar, lebeb, etc.), seja em grego (psyché, pnêuma, soma, kardia, etc.) designam aspectos do ser humano e referem-se ao homem ou à mulher vistos sempre como uma unidade.

O Plano de Deus nos inspira a superarmos a noção de ser humano como mero consumidor, como um competidor, um

egocêntrico por excelência. Basta de dualismos, trilismos ou esquadrelismos.

Com Jesus, "o véu do templo se rasga" (Lc 23,45) e "ninguém deve chamar de impuro aquilo que Deus criou" (At 10,15). Não há mais separação entre puro e impuro, entre santo e pecador, entre transcendência e imanência, entre sagrado e profano, entre céu e terra, entre corpo e espírito, entre divino e humano, entre dentro e fora, etc. Tudo e todos são banhados pela dimensão divina e transcendente da vida. Em cada um/a de nós estão o feminino e o masculino, o bem e o mal, o sagrado e o profano, o divino e humano, tudo unido como carne e unha.

JESUS se tornou tão humano que acabou se divinizando. Pelo seu relacionamento íntimo com o Pai, ao qual chamava de papai, paizinho (abbáh, em hebraico), Ele nos revela uma característica fundamental que perpassa toda a experiência do povo de Deus da Bíblia: o Deus comprometido com a humanidade a partir dos pobres é um Deus transdescendente, não apenas transcendente - sua transcendência se esconde na imanência. A partir do Êxodo, constatamos como Javé é um Deus que ouve os clamores dos oprimidos e desce para libertá-los (Ex 3,7-9).

No início do Gênesis, o Espírito desce e "paira" sobre as águas (= está em todos e em tudo). Em Jesus de Nazaré, Deus se encarna, descendo e assumindo a condição humana, tendo "nascido de mulher" (Gl 4,4). No Apocalipse, Deus larga o céu, desce, arma sua tenda entre nós e vem morar conosco definitivamente. Logo, um movimento de transdescendência perpassa toda a Bíblia. Esta característica se reflete em Jesus.

É a sociedade que não deve matar, que deve se organizar para preservar e valorizar a vida. É a sociedade que não pode ser idólatra, etc. Tremendamente eloquente é que o coração do decálogo é Não Matarás! Dito de forma positiva: Faça viver a todos e a tudo! Eis o coração do plano de Deus: vida e liberdade para todos e para

tudo. Este caminho é santo e bom. Caminhei por ele. Mãos à obra.

Notas:

(1) *Uma Igreja que se apega e casa com o poder trocou o Evangelho por uma aliança com o diabo.*

(2) Cf. FREI BETTO, "Um porre quântico", *Correio da Cidadania*, 17-23/março, 2000.

3) Cf. F. CAPRA, *O Ponto de Mutação*, Ed. Cultrix, s/d, São Paulo, pp. 19-46.

* *Mestre em Exegese Bíblica, professor de teologia Bíblica, assessor de CEBs, CEBI, CPT, SAB e MST*

Publicado por Adital

Questões para reflexão e debate:

1. Quais os pontos que você destacaria nesse estudo?
2. Como podemos enfrentar os obstáculos que se opõem ao Plano de Deus?

"O tempo é muito lento para os que esperam, muito rápido para os que têm medo, muito longo para os que sofrem, muito curto para os que desfrutam. Mas, para os que amam, o tempo é eternidade."

Não fique tão sério

O sujeito estava no boteco tomando umas cachaças, jogando uma partida de dominó com mais três amigos, quando vê um enterro passando pela rua.

Mais que depressa, ele interrompe o jogo, levanta-se, vai até a porta, tira o chapéu e fica observando o cortejo, durante vários minutos, em silêncio, com semblante visivelmente entristecido.

Quando o enterro termina de passar ele recoloca o chapéu na cabeça e volta a sentar-se.

-Esse foi o gesto mais comovente que eu já vi na minha vida! - comenta um dos amigos. - Acho que todos deviam seguir o seu exemplo.

-Bem, depois de 15 anos de casado, acho que era o mínimo que eu poderia fazer!



Um piloto de helicóptero que estava perdido, por causa da neblina aproxima-se de um prédio alto e mostra um cartaz aos empregados onde pergunta:

-Onde estou? Os empregados prestativos correm e escrevem a resposta em um cartaz: "Você está em um

helicóptero!" Ao ver a resposta o piloto faz uma manobra brusca e mergulha em direção a neblina. Após dois minutos de voo as cegas surge o aeroporto e o pouso é feito com toda a segurança. Um dos passageiros ao desembarcar pergunta ao piloto como a partir daquela resposta pode localizar o aeroporto? O piloto esclarece:

-Quando vi aqueles empregados darem uma resposta tecnicamente correta, porém inútil, descobri que o edifício só podia ser o da Microsoft...



-Mas eu sou um cara com muita coincidência. Nasci no dia 5 de maio às 5 da manhã. No meu aniversário de 55 anos, fui na loteria e apostei no número 55.555 e ganhei 5 milhões. Aí peguei a bolada toda e apostei num cavalo número 5 no quinto páreo.

-Legal. E quanto você ganhou?

-Nada.

-Nada?

-O maldito chegou em quinto.

Um rapaz pobre, estava com a casa cheia de ratos. Arranjou uma ratoeira emprestada, porém não tinha queijo para colocar. Ele teve uma ideia.

Colocou um papel escrito: Vale um queijo!

E no dia seguinte quando ele foi ver a ratoeira havia um papel:

Vale um rato!



Um homem em um ônibus jogava seguidamente seu olho de vidro para cima e aparava com a mão.

Outro passageiro, incomodado, observou: "Entendo a sua dor e sou solidário mas, também não precisa ficar exibindo seu sofrimento..."

O primeiro respondeu: "Não estou me exibindo, só tentando ver se lá na frente há lugar sentado..."



O médico reencontra um velhinho milionário que tinha começado a usar um revolucionário aparelho de audição:

-E aí, seu Almeida, agora o Sr. está ouvindo tudo. Gostou do aparelho?

-É muito bom.

-E a sua família, também gostou?

- Ainda não contei para ninguém, mas já mudei meu testamento três vezes.



A mulher está na cozinha fritando um ovo quando o marido chega e começa a gritar:

-CUIDADO!!! CUIDADO!!! JOGA MAIS ÓLEO!!! JOGA MAIS ÓLEO!!! VAI GRUDAR NO FUNDO! CUIDADO!!! VIRA, VIRA, ANDA!!! O SAL!!! NÃO ESQUECE O SAL!!!

A mulher, irritada com os berros, pergunta:

-Por que você está fazendo isto?!? Você acha que eu não sei fritar um ovo???

E o marido responde:

-Isto é só para você ter uma ideia do que eu sinto quando dirijo e você está do meu lado...



-Doutor tenho chance de viver até os cem anos?

-Depende. Você fuma?

-Não.

-Bebe? Come gordura e carne vermelha?

-Não.

-Joga? Mulheres? Dirige em alta velocidade?

-Não. Sou um homem pacato.

-Então você quer viver até os cem anos PRA QUÊ?

P o e m a

Beatriz Reis

Abriram-se as fontes
Os véus se romperam
o mundo desperto
calado ficou.

Meus olhos cansados
brilharam de novo
meu corpo pesado
a ti me levou.

Em tua morada
no escuro da noite
tua face pressinto,
sem forma e sem cor.



Fotos

Veja bem, examine com atenção, se quiser até se assuste com as fotos da capa.

Fatos

Há pouco tempo chuvas torrenciais devastaram o Estado de Santa Catarina e recentemente assolaram estados do norte, agravando a situação de miséria da sofrida população daquela região.

Tais fenômenos climáticos têm sido atribuídos ao uso indiscriminado dos recursos naturais, bem como à ocupação inconseqüente do solo.

Após a tragédia de Santa Catarina, legisladores irresponsáveis alteraram, temerariamente, a legislação ambiental do estado e representantes dos latifundiários e do lucrativo agronegócio arregimentam-se no Congresso Nacional para mudar o já vilipendiado Código Florestal Brasileiro.

Razões

Marina Silva, ponderada senadora e ex-ministra do Meio Ambiente, o ex-vice-presidente americano, Albert Gore e o teólogo franciscano Leonardo Boff, dentre outras personalidades mundiais, têm nos alertado sobre a necessidade do uso responsável e comedido dos recursos naturais para evitar ou pelo menos minimizar uma catástrofe anunciada.

Cabe-nos, como cristãos conscientes, orar e como cidadãos responsáveis nos mobilizarmos para evitar que tais crimes contra a humanidade sejam cometidos, ou pelo menos limitar tais agressões.



A ONU consagrou o 15 de julho como o Dia Internacional da Família. A proposta é valorizar as relações familiares que, no mundo inteiro, parecem em crise. De fato, não chegaremos a estabelecer sociedades justas e de paz se não dermos maior atenção às relações familiares.

A crise que envolve a família tem suas causas em diversos fatores sociais e culturais, principalmente, nas grandes e rápidas transformações que as sociedades urbanas têm vivido.

A família brasileira ganhou sua atual estrutura na história da colonização. A sociedade europeia trouxe o modelo patriarcal de família. Culturas indígenas, mesmo com certos traços patriarcais, dividem de outra forma os papéis do homem e da mulher na sociedade. Assim, contribuíram com certos aspectos de sensibilidade mais matriarcal.

Mesmo se, com toda a razão, a mulher não aceita mais ficar restrita aos trabalhos domésticos, quase em todo o país, as pessoas ainda se referem mais à "casa de minha mãe" do que "do meu pai". Em bairros de periferia e nas camadas mais empobrecidas

do povo, é freqüente o modelo de família matrifocal, na qual, o pai só está presente, quando está, como genitor e não como pai ou mesmo marido. Em muitos casos, nem existe uma figura masculina estável e permanente. Infelizmente, mesmo nesta situação, a família não se torna menos autoritária. Mesmo se é a mulher que, sozinha, dirige a casa, nem por isso os valores familiares se tornam menos patriarcais e autoritários. Um bom número de "meninos de rua" tem casa e família, mas prefere a rua porque em família o ambiente é de violência, maus tratos e incompreensão.

As Igrejas desenvolvem trabalhos pastorais que criticam o divórcio, condenam o aborto e propugnam a continuidade da família monogâmica e estável. A fé cristã crê que o matrimônio e a família são sinais vivos do Amor de Deus e da aliança de intimidade que o Espírito Divino quer viver com a humanidade. Mas, será que se pode dizer isso de qualquer casamento? Qualquer família, mesmo a que se funda sobre a dominação e o autoritarismo, seria imagem de Deus que é Amor? E como testemunhar isso, como propunha o papa João XXIII, como amiga e parceira da humanidade e não a partir de leis e critérios que o

homem moderno não compreende mais?

Ao instituir um Dia Internacional da Família, a ONU parece dizer que toda humanidade precisa debruçar-se sobre a realidade atual das famílias. Sem cair na nostalgia dos velhos tempos, nem ficar repetindo mitos distantes da realidade, precisamos com-preender o que está aconte-cendo e vislumbrar pistas para um novo pacto familiar. A espécie humana precisa, inexoravelmente, de algum tipo de núcleo familiar para o desenvolvimento humano de seus filhos e a sanidade dos adultos. Se não garantirmos às crianças relações afetivas equilibradas no ambiente familiar, será mais difícil para nossos filhos aprofundarem relações emocionais justas e livres com seus semelhantes. É, portanto, urgente, ajudar os casais e as famílias a elaborar um projeto de vida conjugal e familiar, o que só conseguiremos fazer se aceitarmos dialogar sem dogmatismos, nem moralismos fechados.

Mesmo quem está convencido que "família só funciona na hora das fotos de aniversário", de alguma forma, busca um substitutivo humano e social que ainda não existe.

Ninguém que tenha consciência da realidade deseja retomar ou fortalecer o modelo patriarcal de família. O valor da subjetividade e o critério da liberdade individual são conquistas da sociedade moderna. A recuperação do amor como centro e cerne da relação conjugal, acima de qualquer forma de instituição ou lei é um valor inestimável. Mas, será que não podemos garantir isso, sem permitir que a cultura individualista do neo-liberalismo penetre em nossas relações mais profundas?

Um dos problemas que mais atinge e enfraquece as estruturas das famílias é a miragem do consumismo que exerce verdadeira tirania sobre jovens e adultos e assassina por dentro as relações familiares. Atualmente, o desafio mais profundo para pais e educadores é ajudar os jovens a libertar-se da ânsia do consumo desenfreado. Infelizmente, os meios de comunicação social e a escola

parecem não se preocupar em formar cidadãos e sim consumidores para o mercado. É preciso repetir: ninguém é importante pelas coisas que pode comprar, ou pelo modelo de carro que tem, nem pela roupa que veste. O que torna as pessoas importantes é saber que amam, são amadas e se responsabilizam umas pelas outras.

Quem quiser testemunhar Deus como energia de amor se comprometa a lutar contra o vício do consumismo, assuma como método de vida o diálogo nas relações entre pais e filhos, irmãos e irmãs e entre marido e mulher. Procure firmar laços familiares, fundados não só no sangue, mas na causa da solidariedade. Assim, toda a sociedade será uma grande família integrada na comunidade espiritual da vida.

** Monge beneditino,
teólogo e escritor*

**“Use os dotes que tiver:
os bosques seriam muito silenciosos se neles
só cantassem as aves que cantam melhor”**

H. Van Dyke



**Deonira
L. Viganó
La Rosa ***

“Todo fascínio e toda dificuldade de ser casal reside no fato de o casal encerrar, ao mesmo tempo, na sua dinâmica, duas individualidades e uma conjugalidade, ou seja, de o casal conter dois sujeitos, dois desejos, duas percepções do mundo, duas histórias de vida, dois projetos de vida, duas identidades individuais que, na relação amorosa, convivem com uma só conjugalidade, isto é, com um desejo conjunto, uma história de vida conjugal, um projeto de vida de casal, uma identidade conjugal. Como ser dois sendo um? Como ser um sendo dois? Na lógica do casamento contemporâneo, um e um são três, segundo Caillé. Para este autor cada casal cria seu modelo único de ser casal, portanto, a definição de casal contém os dois parceiros e seu ‘modelo único’, seu absoluto”.

Estas são afirmações de um interessante artigo da

terapeuta e pesquisadora carioca Terezinha Féres-Carneiro.

Os vínculos realizam o ‘próprio’ da família

A família nasce para dar continuidade e estabilidade às relações de pertença entre marido e mulher, filhos, e outros num sentido mais amplo. Estes vínculos realizam o próprio da família, mas, essa mesma família, que se forma para dar espaço aos vínculos experimentados como positivos, cultiva o ideal da autonomia e em alguns momentos considera os vínculos opressivos e mortificantes, cada um procurando alcançar a liberdade um dia vinculada a outra pessoa.

Feres-Carneiro prossegue, em seu artigo: “A constituição e a manutenção do casamento contemporâneo são muito influenciadas pelos valores do individualismo. Os ideais contemporâneos de relação con-

jugal enfatizam mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles. Por outro lado, constituir um casal demanda a criação de uma zona comum de interação, de uma identidade conjugal. Assim, o casal hoje é confrontado, o tempo todo, por duas forças paradoxais: a individualidade (eu) e a conjugalidade (nós). Se, por um lado, os ideais individualistas estimulam a autonomia dos cônjuges, enfatizando que o casal deve sustentar o crescimento e o desenvolvimento de cada um, por outro lado, surge a necessidade de vivenciar a realidade comum do casal, os desejos e projetos conjugais.

A relação conjugal vai se manter enquanto for 'prazerosa' e 'útil' para os dois cônjuges. Valorizar os espaços individuais significa, muitas vezes, fragilizar os espaços conjugais, assim como fortalecer o casal demanda, quase sempre, ceder diante das individualidades".

A vida do casal situa-se no ponto intermediário entre comunhão e diferenciação.

Se há exagero no cultivo do eu (individualidade), ou no cultivo do nós (conjugalidade), entra-se na área dos conflitos: quando se perde de vista a 'diferenciação', não é possível chegar à união

madura, que permanecerá então infantil e simbiótica; e quando se perde de vista a 'união', tem-se duas pessoas individualistas, preocupadas consigo mesmas e não com a construção do novo sistema familiar.

O equilíbrio entre essas duas linhas - independência e dependência (diferenciação e comunhão) - é o foco da vida do casal. Essas duas linhas são anteriores ao matrimônio. Suas raízes remontam à primeiríssima infância. A soma de todas as experiências sucessivas contribuiu progressivamente para formá-las ou deformá-las. Nessa evolução das duas linhas é que surge, em um dado momento, a decisão de casar. Por conseguinte, a relação de casados refletirá o grau de maturação das duas linhas: Individualidade (independência, autonomia) e Comunhão (dependência, partilha, pertença, conjugalidade).

O crescimento da 'individualidade' é um processo de libertação contínua, passando da dependência para a flexível autodeterminação; e da se-gurança do ventre materno, para o risco. O crescimento da 'comunhão' faz emergir a alegria da partilha e do vínculo humano e possibilita o amor, na vida adulta. Este processo dura uma vida.

**Terapeuta de Casal e de família.
Mestre em Psicologia.*

discursos religiosos, dicionários e o

Reino de Deus

*Jung Mo Sung **

Giles Lapouge, no seu artigo sobre a viagem do papa Bento XVI à França diz que diferentemente do João Paulo II que seduzia o povo francês com o seu papel profético e seu jeito de se apresentar em público, "Bento XVI praticamente inexistente no inconsciente francês. Apenas pessoas retêm que ele é inteligente. Mas no quê? Ninguém sabe. É preciso um dicionário de teologia e outro de filosofia para entender o que ele diz, afirma um padre. Isso, responde outro, porque os católicos não têm cultura religiosa".

Qual é o problema? O papa fala muito difícil ou os católicos não têm cultura religiosa?

Se prestarmos um pouco de atenção no que acontece em muitas das nossas igrejas, não

é só o papa que não é entendido, mas também muitos dos nossos padres e bispos. Se perguntarmos às pessoas que assistem missas-"shows" de "padres cantores" sobre o que entenderam da missa como um todo e da pregação em particular, muitos dirão que gostaram muito, que foi muito emocionante, mas que não são capazes de dizer qual foi a "mensagem". Se a pergunta for feita às pessoas que vão às missas mais "tradicionais", as respostas serão menos empolgadas, mas também terão dificuldade em dizer exatamente o que o padre quis dizer para as suas vidas com a pregação.

É claro que a vida é mais do que razão discursiva que comunica uma idéia e a participação nas liturgias ou ritos religiosos tem mais a ver com a emoção, experiência de mistério e de pertença a uma comuni-

dade; mas a comunicação de “mensagem” que orienta os rumos e abre novos horizontes de esperança e de caminhada é também fundamental.

O problema da comunicação das “autoridades” das Igrejas com o povo em geral não é um problema exclusivo do atual papa que fala em uma linguagem que exige dos católicos não versados em teologia e filosofia o uso de dicionários. Pois, há padres que também não são capazes de entender o discurso do papa e usam linguagem comum que também não são compreendidos pelo seu povo.

Para que haja uma comunicação, especialmente no campo religioso, é preciso que a fala seja “uma diferença que faça diferença na vida da pessoa”. Em primeiro lugar, o interlocutor precisa entender o significado do que é dito. Se esse primeiro passo não se realiza, o processo de comunicação termina antes de começar. Isso é óbvio, mas ocorre muito mais frequentemente do que pensamos. É, segundo Lapouge, o caso do Bento XVI junto ao povo francês, e, eu acrescento, também de muitas outras “autoridades” religiosas. Pode ser que essas pessoas não tenham percebido que não são entendidas, ou não se importam se são ou não ser

entendidas porque no fundo o que desejam é se mostrarem como pessoas que possuem uma verdade “transcendente” (que está além da compreensão do povo comum) e que precisam ser obedecidas. Pode ser também porque os ouvintes, por respeito, medo ou indiferença não expressem que não estão entendendo.

O fato de a mensagem ser entendida, porque a pessoa que fala usa uma linguagem compreensível para ouvinte, não significa necessariamente que ocorreu uma comunicação. Pois a mensagem pode ser algo já conhecido ou ser de nenhum interesse para o interlocutor. Repetição de mensagens já fartamente conhecidas só gera a sensação de perda de tempo; assim como assuntos que não tem nada a ver com interesses, desejos ou problemas dos interlocutores.

Portanto, para que a comunicação ocorra, é preciso conhecer o mundo do outro, a sua cultura, as suas preocupações, problemas e desejos. E para conhecer o mundo do outro, é preciso ouvi-lo e estar aberto a ir além dos seus próprios valores e modos de compreender o mundo em que vivem.

Em terceiro lugar, a mensagem entendida e interessante precisa ser capaz de modificar a vida das pessoas que a ouvem. A mensagem ainda não conhecida precisa fazer uma diferença na vida dos interlocutores. Se não, ela será “perdida” ou apagada rapidamente da memória e da vida. Por tudo isso é que dissemos antes que é preciso que seja “uma diferença que faz diferença”.

Mas nem toda comunicação que se realiza é um anúncio de uma “boa-nova”, Evangelho, nos dias de hoje. Uma doutrina religiosa dita em termos teológicos e filosóficos difíceis pode ser entendida - com o uso ou não dos dicionários -, mas não necessariamente é entendida como uma boa-nova.

Seja porque não faz diferença real na vida das pessoas, ou porque só traz repreensões, críticas ou ameaças, mas não suscita nenhum horizonte ou fio de esperança. Isso vale também para muitas das denúncias e críticas feitas, em nome da fé cristã, aos sistemas opressivos aos quais os pobres e oprimidos/as estão submetidos. Uma crítica só se torna realmente comunicação de uma boa-nova na medida em que se transmite, ao mesmo tempo, uma es-

perança que aponte caminhos factíveis de uma vida melhor e, assim, reconstrói ou aumenta a vivência da dignidade humana de todos/as. Esperanças grandiosas demais que não apontam caminhos factíveis também acabam por não conseguir fazer uma diferença real positiva na vida das pessoas. Podem reforçar a auto-imagem de “radical” de quem fala, mas não comunica uma boa-nova para quem ouve

O que faz os discursos religiosos/teológicos das Igrejas serem comunicadores da boa-nova não é o fato de serem capazes de aumentar o tamanho, poder ou prestígio das Igrejas e das suas autoridades/lideranças, mas sim a sua capacidade de gerar nas pessoas a vontade de lutar pelo Reino de Deus.

** Professor de pós-graduação, em Ciência da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, autor, entre outros, de “Cristianismo de Libertação”.*

autonomia ou hegemonia

Emir Sader *

Adital



A resistência ao neoliberalismo, especialmente ao longo da década de 90, foi protagonizada particularmente pelos movimentos sociais, seja pela renúncia de muitas forças partidárias a desempenhar esse papel, seja porque os efeitos mais cruéis do neoliberalismo se dão exatamente no plano social. Formulou-se nesse momento a expressão “autonomia dos movimentos sociais”, com o sentido de lutar contra a subordinação a forças políticas e lutar pelo predomínio das forças que mais diretamente expressavam os interesses populares.

Mas, que significado pode ter a autonomia do social? Autonomia diante do

quê? O “outro mundo possível” pode ser construído a partir da “autonomia do social”?

Essa autonomia aponta para a centralidade da “sociedade civil”, para a contraposição ao Estado, à política, aos partidos, ao poder - conforme ficou consagrado na Carta do Fórum Social Mundial. No limite, se identifica com duas versões teóricas: a de Toni Negri, por um lado, a de John Holloway, por outro, ambas tendo em comum a contraposição ao Estado, promovendo, em contraposição, a esfera social.

Essa concepção primou durante a década de 90 quando, colocadas na defensiva, as forças antineoliberais se concentraram no plano social, desde onde desataram suas principais mobilizações. A partir do momento que se evidenciou o desgaste precoce do modelo neoliberal - particularmente depois das crises nas três maiores economias do continente, México, Brasil e

Argentina -, a luta passou a outra fase: a de construção de alternativas e a de disputa por uma nova direção política.

Foram se sucedendo, assim, as eleições de presidentes, como rejeição dos governos neoliberais, em 8 países do continente - já com três reeleições -, marcando a fase de transferência da esfera predominante para a política.

Quem não entendeu essa nova fase, deixou de captar o andamento da luta antineoliberal. Quem persistiu na “autonomia dos movimentos sociais”, ficou relegado ao corporativismo, opondo autonomia a hegemonia e renunciando à luta pela construção do “outro mundo possível”, que passa pela conquista de governos, para afirmar direitos - dado que o neoliberalismo é uma máquina de expropriação de direitos. Além de que outros elementos essenciais do antineoliberalismo, como a regulação da circulação do capital financeiro, a recuperação da capacidade reguladora do Estado, o freio aos processos de privatização, o avanço nos processos de integração regional, entre outros, supõe ações governamentais.

Transformar a autonomia numa categoria absoluta - em qualquer esfera: social, política, econômica ou ideológica - significa não captar o peso das outras instâncias e entender a política como uma esfera entre outras e não como a síntese delas todas. A avaliação dos governos tem que ser feita em função da natureza do seu programa e da sua capacidade de realização, no caso do nosso continente, no período atual, pela ação contra o modelo neoliberal e a favor dos processos de integração regional e contra os TLCs.

Os movimentos sociais são um componente, muito importante, mas não o único, do campo popular ou campo da esquerda, como se queira chamar, ao qual pertencem também forças políticas, governos, locais, estaduais ou nacionais.

Nunca os movimentos sociais, autonomamente, dirigiram ou dirigem um processo de transformações na sociedade. Para fazê-lo, tiveram que, como na Bolívia, construir um partido - nesse

caso, o MAS - isto é, restabelecer, de uma nova forma, as relações com a esfera política, para poder construir uma hegemonia alternativa.

A autonomia que faz sentido na luta emancipatória é aquela que se opõe à subordinação dos interesses populares e não a que se opõe à hegemonia, que articula obrigatoriamente as esferas econômica, social e ideológica,

no plano político. A passagem da defensiva - concentrada na resistência social - à luta por uma nova hegemonia, caracteriza a década atual no continente, que se transformou, de laboratório de experiências neoliberais, no elo mais frágil da cadeia neoliberal no mundo.

***Filósofo, cientista político e professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), onde coordena o Laboratório de Políticas Públicas**

MAIS ELEITORES BRASILEIROS...

Meu colega e eu estávamos almoçando no restaurante da empresa, quando ouvimos uma das assistentes administrativas falando a respeito das queimaduras de sol que ela havia tido, ao ir de carro ao litoral. Estava num conversível, por isso, "não pensou que ficaria queimada, pois o carro estava em movimento."

Ela também vota!

Minha cunhada tem uma ferramenta salva-vidas no carro, projetada para cortar o cinto de segurança, se ela ficar presa nele. Ela guarda a ferramenta no porta-malas!

Minha cunhada também vota!

Meus amigos e eu fomos comprar cerveja para uma festa e

notamos que os engradados tinham desconto de 10%. Como era uma festa grande, compramos 2 engradados. O caixa multiplicou 10% por 2 e nos deu um desconto de 20%.

Ele também vota! (E você que deu o golpe no ignorante também...!!!)

Eu não conseguia achar minhas malas na área de bagagens do aeroporto. Fui, então, até o setor de bagagem extraviada e disse à mulher que minhas malas não tinham aparecido. Ela sorriu e me disse para não me preocupar, porque ela era uma profissional treinada e eu estava em boas mãos. "Apenas me informe... o seu avião já chegou?"

Ela também vota!

HOJE NÃO TENHO MAIS ESSES SONHOS

Pedro Casaldáliga *

O cardeal Carlo M. Martini, jesuíta, biblista, arcebispo que foi de Milan e colega meu de Parkinson, é um eclesiástico de diálogo, de acolhida, de renovação a fundo, tanto na Igreja como na Sociedade. Em seu livro de confidências e confissões *Colóquios noturnos em Jerusalém*, declara: «Antes eu tinha sonhos acerca da Igreja. Sonhava com uma Igreja que percorre seu caminho na pobreza e na humildade, que não depende dos poderes deste mundo; na qual se extirpasse de raiz a desconfiança; que desse espaço às pessoas que pensem com mais amplidão; que desse ânimos, especialmente, àqueles que se sentem pequenos o pecadores. Sonhava com uma Igreja jovem. Hoje não tenho mais esses sonhos».

Esta afirmação categórica de Martini não é, não pode ser, uma declaração de fracasso, de decepção eclesial, de renúncia à utopia. Martini continua sonhando nada menos que com o Reino, que é a utopia das utopias, um sonho do próprio Deus. Ele e milhões de pessoas na Igreja sonhamos com a «outra Igreja possível», ao serviço do «outro Mundo possível». E o cardeal Martini é uma boa teste-

munha e um bom guia nesse caminho alternativo; o tem demonstrado.

Tanto na Igreja (na Igreja de Jesus que são várias Igrejas) como na Sociedade (que são vários povos, várias culturas, vários processos históricos) hoje mais do que nunca devemos radicalizar na procura da justiça e da paz, da dignidade humana e da igualdade na alteridade, do verdadeiro progresso dentro da ecologia profunda. E, como diz Bobbio, «é preciso instalar a liberdade no coração mesmo da igualdade»; hoje com uma visão e uma ação estritamente mundiais. É a outra globalização, a que reivindicam nossos pensadores, nossos militantes, nossos mártires, nossos famintos...

A grande crise econômica atual é uma crise global de Humanidade que não se resolverá com nenhum tipo de capitalismo, porque não é possível um capitalismo humano; o capitalismo continua a ser homicida, ecocida, suicida. Não há modo de servir simultaneamente ao deus dos bancos e ao Deus da Vida, conjugar a prepotência e a usura com a convivência fraterna. A questão axial é: Trata-se de salvar o Sistema ou se trata de salvar a Humanidade? A grandes crises,

grandes oportunidades. No idioma chinês a palavra *crise* se desdobra em dois sentidos: crise como *perigo*, crise como *oportunidade*.

Na campanha eleitoral dos EUA se arvorou repetidamente «o sonho de Luther King», querendo atualizar esse sonho; e, por ocasião dos 50 anos da convocatória do Vaticano II, tem-se recordado, com saudade, o *Pacto das Catacumbas da Igreja serva e pobre*. No dia 16 de novembro de 1965, poucos dias antes da clausura do Concílio, 40 Padres Conciliares celebraram a Eucaristia nas catacumbas romanas de Domitila, e firmaram o *Pacto das Catacumbas*. Dom Hélder Câmara, cujo centenário de nascimento estamos celebrando neste ano, era um dos principais animadores do grupo profético. O *Pacto* em seus 13 pontos insiste na pobreza evangélica da Igreja, sem títulos honoríficos, sem privilégios e sem ostentações mundanas; insiste na colegialidade e na corresponsabilidade da Igreja como Povo de Deus e na abertura ao mundo e na acolhida fraterna.

Hoje, nós, na convulsa conjuntura atual, professamos a vigência de muitos sonhos, sociais, políticos, eclesiais, aos quais de jeito nenhum modo podemos renunciar.

Seguimos rechaçando o capitalismo neoliberal, o neoimperialismo do dinheiro e

das armas, uma economia de mercado e de consumismo que sepulta na pobreza e na fome a uma grande maioria da Humanidade. E seguiremos rechaçando toda discriminação por motivos de gênero, de cultura, de raça. Exigimos a transformação substancial dos organismos mundiais (a ONU, o FMI, o Banco Mundial, a OMC...). Comprometemo-nos a vivermos uma «ecologia profunda e integral», propiciando uma política agrária-agrícola alternativa à política depredadora do latifúndio, da monocultura, do agrotóxico. Participaremos nas transformações sociais, políticas e econômicas, para uma democracia de «alta intensidade».

Como Igreja queremos viver, à luz do Evangelho, a paixão obsessiva de Jesus, o Reino. Queremos ser Igreja da opção pelos pobres, comunidade ecumênica e macroecumênica também. O Deus em quem acreditamos, o Abbá de Jesus, não pode ser de jeito nenhum causa de fundamentalismos, de exclusões, de inclusões absorventes, de orgulho proselitista. Chega de fazermos do *nosso* Deus o único Deus verdadeiro. «Meu Deus, me deixa ver a Deus?». Com todo respeito pela opinião do Papa Bento XVI, o diálogo interreligioso não somente é possível, é necessário. Faremos da corresponsabilidade eclesial a expressão legítima de uma fé adulta. Exigiremos, corri-

gindo séculos de discriminação, a plena igualdade da mulher na vida e nos ministérios da Igreja. Estimularemos a liberdade e o serviço reconhecido de nossos teólogos e teólogas.

A Igreja será uma rede de comunidades orantes, servidoras, proféticas, testemunhas da Boa Nova: uma Boa Nova de vida, de liberdade, de comunhão feliz. Uma Boa Nova de misericórdia, de acolhida, de perdão, de ternura, samaritana à beira de todos os caminhos da Humanidade. Seguiremos fazendo que se viva na prática eclesial a advertência de Jesus: «Não será assim entre vocês» (Mt 21,26). Seja a autoridade serviço. O Vaticano deixará de ser Estado e o Papa não será mais chefe de Estado. A Cúria terá de ser profundamente reformada e as Igrejas locais cultivarão a inculturação do Evangelho e a ministerialidade compartilhada.

A Igreja se comprometerá, sem medo, sem evasões, com as grandes causas de justiça e da paz, dos direitos humanos e da igualdade reconhecida de todos os povos. Será profecia de anúncio, de denúncia, de consolação. A política vivida por todos os cristãos e cristãs será aquela «expressão mais alta do amor fraterno» (Pio XI).

Nós nos negamos a renunciar a estes sonhos mesmo quando possam parecer quimera. «Ainda cantamos, ainda sonha-

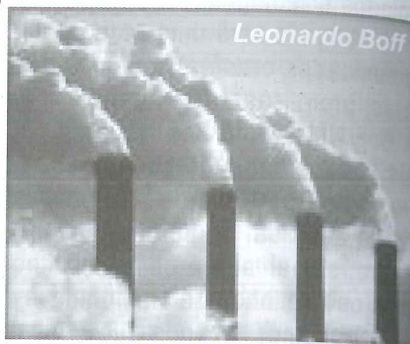
mos». Nós nos atemos à palavra de Jesus: «Fogo vim trazer à Terra; e que mais posso querer senão que arda» (Lc 12,49). Com humildade e coragem, no seguimento de Jesus, tentaremos viver estes sonhos no dia a dia de nossas vidas. Seguirá havendo crises e a Humanidade, com suas religiões e suas Igrejas, seguirá sendo santa e pecadora. Mas não faltarão as campanhas universais de solidariedade, os Foros Sociais, as Vias Campesinas, os movimentos populares, as conquistas dos Sem Terra, os pactos ecológicos, os caminhos alternativos da Nossa América, as Comunidades Eclesiais de Base, os processos de reconciliação entre o *Shalom* e o *Salam*, as vitórias indígenas e afro e, em todo o caso, mais uma vez e sempre, «eu me atenho ao dito: a Esperança».

Cada um e cada uma a quem possa chegar esta circular fraterna, em comunhão de fé religiosa ou de paixão humana, receba um abraço do tamanho destes sonhos. Os velhos ainda temos visões, diz a Bíblia (Jl 3,1). Li nestes dias esta definição: «A velhice é uma espécie de postguerra»; não precisamente de claudicação. O Parkinson é apenas um percalço do caminho e seguimos Reino adentro.

*** Bispo Emérito da Prelazia de São Félix do Araguaia**

Agir rápido, agir juntos

Finalmente, também as Igrejas estão se mobilizando para enfrentar as mudanças climáticas da Terra. O secretário geral da ONU Ban Ki Moon no Conselho Mundial das Igrejas em Genebra disse: “um problema global exige uma resposta global: nós precisamos da ajuda das Igrejas”. E elas responderam prontamente com uma conclamação aos milhões de cristãos dispersos pelo mundo afora com estas palavras: “agir rápido, agir juntos porque não temos tempo a perder”. Citaram a Bíblia para enfatizar que Deus nos entregou a Terra como herança para administrar e não para dominar, pois esta palavra bíblica “dominar” significa cuidar e gerenciar. Acolheram os dois imperativos propostos pelo Painel Intergovernamental das Mudanças Climáticas (IPCC): a mitigação e a adaptação. A mitigação quer identificar as causas produtoras do aquecimento global que é o nosso estilo dilapidador de produção e consumo ilimitado e individualista. A adaptação



considera os efeitos perversos, especialmente nos países mais vulneráveis do Sul do mundo que demandam solidariedade, pois se não conseguirem se adaptar, assistiremos a grandes dizimações.

As Igrejas assumem uma função pedagógica: ao evangelizarem, devem propor o ideal de uma sobriedade voluntária e de uma austeridade jovial e ensinar o respeito a todos os seres, pois todos saíram do coração de Deus. Sendo dons do Criador, devem ser compartilhados solidariamente entre todos a começar pelos que mais precisam.

A Igreja Católica oficialmente ainda não propôs nada de relevante. Mas a Conferência dos Bispos do Brasil em suas Campanhas da

Fraternidade sobre a água e sobre a Amazônia ajudou a despertar uma consciência ecológica. Os bispos canadenses publicaram recentemente uma bela carta pastoral com o título: “a necessidade de uma conversão”. Atribuem à conversão um significado que transcende seu sentido estritamente religioso. Ele implica “encontrar o sentido do limite, pois, um planeta limitado não pode responder a demandas ilimitadas”. Precisamos, dizem, libertar-nos da obsessão consumista. “O egoísmo não é somente imoral, ele é suicida; desta vez não temos outra escolha senão uma nova solidariedade e novas formas de partilha”.

Chegamos a esse ponto, reconhecem, porque há séculos não respeitamos mais as leis da vida, olvidando a sabedoria ancestral que ensinava: “não comandamos a natureza senão obedecendo a ela”. É mais fácil enviar pessoas à lua e trazê-las de volta do que fazer com que os humanos respeitem os ritmos da natureza. Agora estamos colhendo os frutos envenenados da dessacralização da vida induzida pelo poder da tecnologia a serviço da acumulação de uns poucos.

A fé hebraico-cristã possui suas razões próprias para fundar um comportamento ecologicamente responsável. Parte da crença, semelhante àquela da moderna cosmologia, de que Deus transportou a criação do caos ao cosmos, quer dizer, de um universo marcado pela desordem a um outro no qual vige a ordem e a beleza. E Deus disse: “Isto é bom”. Colocou o homem e a mulher no jardim do Éden para que o “cultivassem e o guardassem”. “Cultivar” implica cuidar e favorecer o crescimento e “guardar” significa proteger e assegurar a continuidade dos recursos, como diríamos hoje, garantir um desenvolvimento sustentável.

Importa refazer a conexão rompida com a natureza para que possamos de novo gozar de sua beleza e confiar em seu futuro. Esta fé funda a esperança de que a criação possui um fim bom, tão finamente expresso no livro da Sabedoria: “Senhor, tu amas todos os seres e a todos poupas porque a ti pertencem, ó soberano amante da vida” (11, 24 e 26).

Nem homem nem mulher: Paulo misógino?

*Maria Clara Lucchetti Bingemer**

OAno Paulino também pode ser propícia ocasião para reparar injustiças e superar preconceitos. Sim, porque Paulo de Tarso, com toda a sua grandeza, tem sido alvo de inúmeros e injustos preconceitos. E um deles é o de ser misógino, ou seja, de considerar as mulheres inferiores aos homens, maltratando-as e desprezando-as.

Importa, pois, tentar penetrar na verdadeira raiz do modo de proceder de Paulo, a fim de perceber sua real relação com a mulher. É fato que Paulo nasce, cresce, é formado e vive em um contexto eminentemente patriarcal. Uma situação cultural e histórica onde a mulher está confinada ao espaço doméstico, não devendo interferir na esfera pública. E a prática da religião está incluída nessa dimensão pública, à qual a sociedade e a cultura daquele tempo não permitiam que as mulheres tivessem acesso.

Paulo é, portanto, um homem de seu tempo, e algumas de suas palavras e escritos são devedores do contexto onde vive.

Assim é quando se detém em minuciosas orientações sobre os cabelos da mulher, que não devem ser cortados e sim cobertos por um véu. Ou quando recomenda a suas companheiras de fé e de comunidade que se calem nas assembléias. Com este procedimento, simplesmente segue a norma judaica de que a mulher não deve falar no espaço público, perguntando em casa ao marido se tiver alguma dúvida ou questão.

E, no entanto, que seria da vida de Paulo de Tarso sem as mulheres? Que seria de sua formação sem Priscila, esposa de Áquila, sempre por ele mencionada com tanto carinho, em boa parte responsável por iniciá-lo nos caminhos da nova fé abraçada? Que seria da pregação de Paulo sem os ouvidos femininos e ávidos de Lidia, de Damasis, Drusila e muitas outras, figuras de importância nas cidades por ele visitadas, pertencentes à aristocracia ou filhas fiéis do povo? Graças a elas as comunidades cristãs se mantinham financeiramente, os cultos aconteciam, as comunidades cresciam. Seu trabalho e sua

presença discreta, mas constante e amorosa, acolhiam os apóstolos e cuidavam que nada lhes faltasse, a fim de que pudessem dedicar-se inteiramente à pregação da palavra.

Em boa parte, a Igreja crescia com a colaboração das mulheres. E Paulo sabia disso. E por isso o livro dos Atos, quando narra suas viagens, repete uma e outra vez que ele falava às mulheres que se reuniam no sábado; hospedava-se em suas casas e lhes falava da boa nova de Jesus Cristo.

Mais que isso: o mesmo Paulo, que parece tão severo na disciplina que impõe às mulheres, reivindicará para si o direito de ser acompanhado em suas viagens por uma mulher, uma irmã na fé, a exemplo dos outros apóstolos e dos irmãos do Senhor e de Pedro.

E é igualmente ele que, contemplando a beleza da criação de Deus, exclamará que “aos olhos do Senhor, nem o homem existe sem a mulher, nem a mulher sem o homem. Pois a mulher foi tirada do homem, porém o homem nasce da mulher, e ambos vêm de Deus.”

Não poderia dizer outra coisa o místico Paulo, a quem foi concedida experiência espiritual tão profunda que o cegou para o

mundo e o fez abrir os olhos banhados de nova luz, revendo todas as coisas com novo e purificado olhar. Com percepção renascida e renovada, Paulo contemplou a beleza da criação de Deus, o mistério maior de reciprocidade que é a humanidade em sua diferença de homem e mulher.

E é o mesmo Paulo que reproduz a cultura patriarcal de seu tempo e que exclamará maravilhado aos gálatas a notícia gloriosa da nova criação. Nela, não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher. Pois todos são um só em Cristo Jesus. Nesta unidade rica das diferenças de cada um, Paulo vê a nova criação acontecida em Cristo e revelada na plenitude dos tempos, quando Deus envia seu Filho, nascido de mulher.

Neste ano paulino, não invoquemos, pois, palavras e agir de Paulo para justificar a opressão da mulher. Não encontraremos caminho propício para isso nos ensinamentos do apóstolo. Antes, olhemos o que diz sobre o respeito mútuo e recíproco que se devem ambos, homem e mulher, já que ambos vêm de Deus e por isso possuem dignidade infinita.

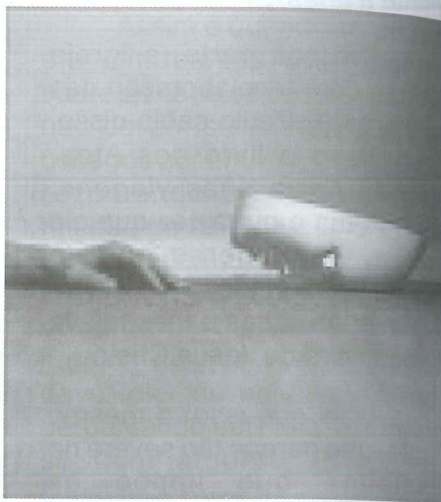
** Teóloga, professora e decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio*

Perdoa-nos pelo teu vício

Eugênio Mattos Viola *

“Procura-se incutir nos jovens a idéia de que não adianta querer mudar o mundo, exceto no que se refere à tecnologia e à ciência. Mas há os jovens que lutam por ‘um outro mundo possível’, que preferem injetar utopia na veia que drogas”. (Frei Betto).

Ao lembrarmos os 40 anos do MAIO DE 68, um dos anos mais marcantes de nosso século, percebemos que uma realidade foi construída e desconstruída ao mesmo tempo. A ânsia por liberdade, por um mundo mais justo e fraterno, explodia em muitos países, das mais diferentes formas. Em verdade, foi toda uma década - a de 60 - em que se levantou questionamentos, derrubando tabus, apontando novos horizontes. Os caminhos nem sempre eram os mesmos. Iam desde as flores - Flower Power - até as armas. No Brasil, com a Passeata dos Cem Mil; na Tchecoslováquia com a Primavera de Praga; nos Estados Unidos com Luther



King empolgando multidões ao proclamar I Have a Dream (Eu Tenho Um Sonho), o sonho do fim da luta racial. Na França, os estudantes saíam às ruas: “A sociedade nova deve ser fundada sobre a ausência de qualquer egoísmo e qualquer egolatria. O nosso caminho será uma longa marcha de fraternidade”, desafiando o conservadorismo do governo De Gaulle e pedindo reformas trabalhistas e no ensino. A Igreja também promovia o seu aggiornamento quando João XXIII decidia abrir as janelas do Vaticano para os ventos da História soprarem a poeira do Trono de Pedro.

Naquela década, o Homem também chegaria à Lua e talvez começasse a se esquecer da Terra.

Como um filho que é severamente punido após uma atitude de ousadia, muitos países mergulharam em seguida num profundo silêncio em consequência da onda de repressão. Tanto à Direita, quanto à Esquerda, o totalitarismo mostrava suas garras e a Guerra Fria passava a ditar os rumos.

Aqui no Brasil, o Milagre Econômico levava a classe média à euforia nas Bolsas de Valores, enquanto a tortura era a resposta àqueles que não comungavam das mesmas idéias. A abertura política só viria a ocorrer muitos anos depois em toda a América Latina, que até hoje faz o inventário das cicatrizes.

Do caos à ordem, da ordem ao caos. Começava a década de 90 e os muros da União Soviética caíam como castelos de areia. O Consenso de Washington determinava o Estado mínimo, provocando uma onda desenfreada de privatizações. Tudo o que era público passava a ser sinônimo de ineficiência. As instituições educacionais e de saúde eram

sucateadas, enquanto o desenvolvimento tecnológico em todo o mundo ganhava impulso. O computador passava a ser o novo bezerro de ouro da juventude. A Internet aproximava as pessoas dos mais diferentes pontos do planeta, mas a globalização criava também o fluxo incontrolável do capital especulativo, levando em poucas horas muitas nações à bancarrota, para deleite dos especuladores. O capital e a cobiça passavam a criar uma química geradora de alienação, destruição e ganância. Novos ídolos surgiam. Bill Gates passava ser reverenciado em todo mundo pelo acúmulo de bilhões e bilhões de dólares. Desportistas e artistas se entregavam ao Deus Mercado - sem compromissos éticos, sociais e morais -, manipulados por contratos de milhões de dólares. Valores humanos e espirituais não aumentavam as contas bancárias. A mídia os tratava com glamour e os jovens eram seduzidos pelos falsos ídolos. O sexo era sinônimo apenas de prazer, sem afeto. A família deixava os velhos padrões no passado, mas não conseguia definir os novos. A Natureza passava a ser apenas fonte de lucro. Os grupos de defesa do

meio ambiente lançavam uma advertência:

***“Quando a última árvore
tiver caído,
Quando o último rio tiver
secado,
Quando o último peixe for
pescado,
Eles vão entender que
dinheiro não se come”.***

Chegamos ao terceiro milênio com a competição entre os seres humanos reinando em lugar da fraternidade. É bem verdade que o quadro começa a se transformar em muitos países. Quem diria que um negro seria hoje forte candidato à presidência da maior potência do mundo? Quem diria que um indígena e camponês chegaria à presidência da Bolívia? Quem diria que um operário subiria a rampa do Planalto? Quem diria que a preocupação com a ecologia se tornaria um assunto de primeira ordem?

Mas os avanços ainda estão limitados ao plano humano. Ainda estão por levar à busca de respostas também

na dimensão espiritual. A humanidade já não é mais um bebê, mas ainda não atingiu a plena maturidade. É jovem. E, numa leitura simbólica e real ao mesmo tempo, o jovem se perde no vazio entre o Velho e o Novo, entre o Ser e o ter, entre o efêmero e o Eterno. Todo vazio gera angústia e muitos só encontram nas drogas o falso alívio para suas aflições.

Ainda não fomos capazes de criar pontes para superar os abismos criados por gerações anteriores e pela nossa. Ainda não fomos capazes de apontar o caminho de saída para o labirinto em que entrou a jovem humanidade. Recentemente, o Tribunal da Cúria Romana decidiu classificar como ‘pecado’ o uso de drogas. Mas, cabe a nós - construtores da apologia do Nada -, pedir perdão. Santo Agostinho dizia que “o Mal é apenas a ausência do Bem”. O vício não se combate com punição, mas com o estímulo da virtude.

** Jornalista*

“O homem se engrandece no exato grau em que trabalha para o bem estar de seu semelhante.”

M.Ghandi

O CAPITALISMO, NA SUA VERSÃO NEOLIBERAL, AGONIZA



*Frei Cristóvão Pereira ofm **

A lenta e dolorosa travessia de um “Estado Neoliberal” para um “Estado Social”.

O quê se entende por uma “Bolha Econômica”?

Uma bolha se caracteriza com algo oco por dentro, cheia de ar e com uma camada externa tênue, muito vulnerável!

Em outras ocasiões refletimos sobre a malvadeza do sistema Capitalista e sua vocação ao suicídio. Vejamos, agora, as causas estruturais de suas crises periódicas. A causa maior está no fato de ser, precisamente, uma bolha.

Com o processo da globalização, primeiramente, financeira, posteriormente, econômica; que é o caso do momento, essa bolha cresceu vertiginosamente, tornou-se mundial. São as grandes corporações econômicas, aproximadamente 200, que detêm o

poder político sob a sua égide. A Economia engoliu a Política!

Para onde vai o Capitalismo? Uma vez esgotadas suas reservas caloríficas (matéria prima), qual uma estrela de menor grandeza, será tragado pelo “buraco negro” de um outro sistema financeiro mundial. Nos estertores de sua agonia, vai surgindo uma nova maneira de ordenar as finanças mundiais. Veja o encontro dos presidentes dos Bancos Centrais dos G-20 e convidados ocorrida em novembro/2008, como antevéspera do encontro dos G-8, prevista para o mês seguinte.

A tópica central dos pronunciamentos é que as coisas não podem continuar como estão; faz-se necessário por um freio no mercado financeiro mundial. Em termos oficiais: o Estado tem que regulamentar o mercado financeiro, até então, solto, entregue

a sua própria lógica e dinâmica. A Política, vale dizer o Estado, tem que ordenar o Mercado, estabelecendo parâmetros racionais e viáveis no sentido de priorizar o coletivo, o bem comum da humanidade.

A festa da ciranda financeira terminou bem mais cedo do que seus promotores previam. Muitos, embriagados pela beleza da decoração-ambiente e o excesso de bebidas (flutuação das Bolsas de Valores, não se têm mais divisas, ou são blindadas pelas instituições financeiras, dinamizar a Economia Real.

"Festa acabada, músicos a pé!"

Economia Virtual - Economia Real.

São dois mundos distintos, diferentes.

No primeiro circulam valores monetários que são créditos; no segundo circulam bens e serviços que satisfazem necessidades dos seres humanos. A distância entre um e outro tem seus limites, além do qual, surgem bolhas que com tempo explodem. Isso porque há excesso de ofertas de divisas que, por sua vez, provoca inflação; essa, por sua vez, desacelera a economia real.

A economia virtual, mercado de valores chegou ao cúmulo de ultrapassar 7% do PIB da economia real mundial.

A intervenção do Estado, injetando divisas no mercado financeiro, estatizando bancos e instâncias seguradoras, vai contra o princípio básico do neoliberalismo: deixar o mercado solto que, com o tempo, ele se ajusta por si mesmo!

A falência de tantos bancos e de tantas instituições seguradoras se explica pela falácia da economia virtual e pelas supervalorizações de suas ações. São supervalorizadas com a intenção de atrair mais usuários e abocanhar mais divisas, vale dizer, mais lucros!

São montanhas de divisas, de ações falsas, mentirosas oferecidas a sua clientela na suposição de que constitui o melhor modo de vencer os concorrentes e de ganhar dinheiro, ampliar seu patrimônio e garantir melhoria de condição de vida. O que faz com que a Economia Virtual se distancie da Economia Real. Em outras palavras: temos nesta lógica a origem das "bolhas".

Tivemos o nosso PROER nos tempos do governo FHC. O México conheceu seu momento de amargura. Agora a crise se alastra mundo afora.

** Fraternidade S. Francisco das
Chagas, 08/11/2008.
freicristovao@gmail.com*

Para os jovens do corpo e da alma

*Jorge Leão **

Ficamos aturdidos quando o tempo nos impõe seus limites.

Mesmo sem compreender o porquê dos acontecimentos, reconhecemos que somos mortais. Resta-nos então a espera da poeira que baixa, quando a casa festivamente aguarda a chegada de mais um aniversário.

Do mesmo modo, o sorriso deixado pelo amigo que se foi. As lembranças guardadas no baú da saudade. Estes são, de fato, os fatos que se transformam em versos de amor, e abrandam o sentimento de incompletude deixado pela inexorável passagem do tempo.

E o que dizer de nosso corpo, que se perde como as folhas secas do outono? O sereno cuidado dos braços maternos, segredo incontido dos tempos de infância, acaba por desnudar a alma da mais pura beleza da vida. É quando descobrimos que ganhamos e perdemos muitas coisas na vida...

O mistério de um abraço apertado, o doce segredo da primeira paixão, o chocolate escondido atrás da poltrona da sala, os pés sujos de lama, os cabelos molhados depois de um inesquecível banho de chuva, a ansiedade para amanhecer no dia de Natal e

abrir os presentes, a vela acesa na sala quando a energia da casa faltava, o cheiro da terra depois da noite chuvosa. Esses são momentos de fecundidade, que traduzem nosso pertencimento ao perene estado de ser jovem.

Ser jovem... Um jovem de vinte e poucos anos, ou mesmo um com os seus



cinquenta, ou quando a juventude aflora em sua magnitude aos oitenta. Não importa o período, o número, a extensão, a medida. O que vale mesmo é a saudade. Por isso, é bom lembrar vivamente o passado presente e esquecer o futuro. O passado não presente precisa ser mesmo passado, e esquecido, pois desprovido de vida.

Os tempos gramaticais pouco contam aqui, quando o que nos mantém vivos é a umidade da terra, prenhe de sinais fecundos, aptos para mais uma primavera chegando. Muitos jovens do corpo envelhecem antes do tempo, pois não têm tempo de ter saudade. São os tempos modernos, dizem os especialistas.

Embora reconhecendo a velocidade do ritmo urbano que nos consome, é possível ainda ouvir alguns sons divinos, é quando sobrevivem no fundo da terra os segredos inesgotáveis dos que se fazem jovens da alma. Talvez o encantamento divinal mais plausível seja o som da eterna juventude que bombeia nossos corações, levando para o corpo a vitalidade cristalina de uma voz milenar, a nos dizer: "viva intensamente cada momento de cada dia"...

Talvez resida aí o segredo do envelhecimento natural. E a irresistível vontade de buscar a fonte de água pura, nas montanhas preciosas da liberdade pelo amor. Quando perguntaram a um mestre iluminado como fazer para alcançar a sabedoria, ele respondeu: "respire profundamente e sentirás a energia da vida, assim terás a sabedoria como companhia".

Ou seja, o grande mistério da felicidade reside nas coisas mais simples, mais singelas, lavadas com a água da verdade e com o perfume da sinceridade. Pior caminho é esquecer de caminhar. Pior veneno é não amar.

Melhor então é respirar com consciência e ouvir a incansável sinfonia da natureza. Já podemos cantar o hino da felicidade, pois o segredo da eterna juventude reside dentro de nós mesmos. Qualquer busca será em vão, se esquecermos de viajarmos para dentro de nós mesmos. Nesta viagem embarcam os jovens do corpo e da alma, eternos habitantes do reino das graças de Deus.

** Professor de Filosofia do
CEFET-MA e membro do MFC
em São Luís – MA.*

PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONDIR SUDESTE MÓDULO Nº. 05

TEMA: METAS: O QUE SÃO? – COMO ATINGI-LAS? (DESCUBRA ESTRATÉGIAS PARA GERIR SEUS OBJETIVOS E ALCANÇAR OS MELHORES RESULTADOS)

O estudo deste quinto módulo tem como objetivo trazer ao nosso conhecimento, quais são as metas definidas pelo CONDIR (Conselho Diretor Nacional), para o próximo triênio, e oferecer subsídios no sentido de favorecer seu esclarecimento, bem como ajudar a torná-lo real e possível de ser contemplado. Estas metas foram elaboradas a partir de uma reunião do Condir, realizada na cidade de Campo Grande - MS. O plano de metas exprime a realidade do que foi refletido e manifestado pelas comunidades de trabalho reunidas por ocasião do XVI ENA (Encontro Nacional), realizado em julho de 2007, na cidade de Araraquara – SP.

Onde você estará em 2015? Ninguém sabe, é lógico. Mas no plano pessoal, profissional e até mesmo como mefecistas, podemos e devemos planejar o futuro.

A preocupação em haver um planejamento, está no sentido de melhor se aproveitar tudo o quanto se pretende realizar, ou tudo o quanto de nós se espera que seja atingido.

Mas..., você sabe como atingir suas metas? Ou melhor, sabe como planejá-las?

Muitas vezes o nosso esforço é por demais improdutivo, pois, ninguém nos diz o que deveríamos fazer para alcançar uma determinada meta. César Souza, autor do livro "Você é do tamanho dos seus sonhos" (Editora Gente), afirma que "trabalhar sem saber aonde se quer chegar é o mesmo que navegar sem saber o nome do mar em que se está".

Ou seja, é estar perdido! A falta de metas também atrapalha o desenvolvimento dos talentos, pois deixamos de identificar o impacto que um bom desempenho traria ao nosso movimento e às nossas ações como um todo.

É aí que se percebe a importância da meta também como ferramenta para motivar as Coordenações e as Equipes-base.

COMO PLANEJAR COM EFICIÊNCIA

O planejamento de metas não deve ser uma ação exclusiva da Coordenação ou de seus líderes, também deve fazer parte da rotina das Equipes-base, e de cada mefecista em particular.

O primeiro passo é definir quais serão as metas a serem trabalhadas. Este é um processo muito importante, pois, dele

depende o sucesso do que se pretende no MFC, e através do MFC. Portanto deve-se envolver o maior número possível de interessados.

E isto aconteceu, por ocasião do Encontro Nacional. Uma grande parcela de mefecistas, através de módulos preparativos discutiram, e posteriormente estiveram reunidos e envolvidos para refletir e descobrir as mais prementes necessidades e os mais variados desafios do Movimento Familiar Cristão.

As metas definidas são baseadas numa junção de estudos que contribuem para posicionar onde está, como está e aonde pode chegar o MFC.

A grande preocupação no momento de definir as metas reside em saber que elas sejam realistas e estejam de acordo com a capacidade do Movimento de cumpri-las. As metas devem ser claras e mensuráveis.

No planejamento é fundamental entender a relação das metas com o objetivo do MFC e com o futuro dos membros que o congregam. Esta preocupação dará suporte para que, uma vez, a meta atingida, o MFC se fortaleça e seus membros sejam revitalizados.

Para tornar o processo saudável e buscar fidelidade à proposta, a liderança do MFC, representada pelo CONDIN (Conselho Diretor Nacional), planejam em conjunto as metas do Movimento. Esta atitude, além de fortalecer a união, dá sustentabilidade e credibilidade a sua execução.

COMUNICAR PARA QUEBRAR BARREIRAS

Cada mefecista precisa se programar e organizar sua participação no MFC de forma que consiga alcançar o objetivo designado a ele.

Isso só acontece quando o plano de metas é explicado com transparência. Por isso o papel da comunicação é tão importante na gestão das metas estabelecidas.

Muitas vezes o líder tem por costume achar que seus liderados são seus seguidores e que só ele sabe a direção correta para alcançar os resultados.

Por isso muitas vezes, deixa de transmitir os porquês de existir uma meta e a importância de conquistar resultados, contentando-se em apenas repassar o que cada um deve fazer.

O melhor neste momento é praticar o dever de sentar. Quantas vezes necessário for, Coordenação, Equipe-base, ou mefecistas em particular, devem sentar e buscar o entendimento, recebendo ou dando explicação sobre as metas estabelecidas, buscando assim cada um, descobrir e mostrar a importância do desempenho mútuo

para superarem as dificuldades e atingir o que se pretende. É um momento de esclarecer possíveis dúvidas que estão sendo entraves na conquista do resultado. Caso contrário pode ocorrer que a dificuldade de comunicação venha trazer desinteresse pelos resultados e dificultando a relação entre os envolvidos no processo.

COMO MANTER A DIREÇÃO

É interessante que, em todos os níveis: Equipe-base, Coordenação de Cidade, Coordenação Estadual, Coordenação Regional e Nacional, aconteça avaliações sobre o desempenho que se tem atingido em relação às metas propostas. Esta preocupação vai manter os rumos do trabalho, bem como identificar se realmente está havendo progresso. Essas avaliações vão detectar a participação de cada um no processo de cumprimento e alcance das metas. Caso seja observado que está havendo dificuldades na obtenção de resultados, pode-se, através de uma reunião com os envolvidos, estabelecer novas idéias para retomar a direção dos trabalhos. Seria interessante que em todas as reuniões (Equipe-base, Coordenação de cidade, estado, regional e nacional), fosse dedicado um tempo para se discutir sobre a realização e manutenção das metas, pois a dimensão de nosso território e regiões, dificulta a reunião de mais pessoas, porém em todas as oportunidades deve-se discutir o direcionamento dado às metas. É nesse momento que as lideranças tomam conhecimento de seu desempenho em relação a outras equipes, ou mesmo entre outras regiões, ou estados. Isso é fundamental, pois a troca de informações entre estes líderes possibilita que uma ação de resultado positivo numa equipe, região ou estado, acabe servindo de exemplo às outras.

VEJA O QUE FAZER

Dicas possíveis para cumprir as metas. Confira:

POR PARTE DA COORDENAÇÃO

- ✓ **Crie um sistema** para avaliar e acompanhar o desempenho em relação às metas;
- ✓ **Convoque** aqueles com desempenho preocupante e mostre como melhorar resultados. Aponte caminhos;
- ✓ **Seja flexível:** se a meta estiver fora da realidade procure ajustá-la;
- ✓ **Verifique o número de metas.** O ideal é que o plano contemple no máximo três metas;

- ✓ **Manter em evidência** o plano de metas. Sempre falar do mesmo e acompanhar os resultados;

POR PARTE DO MEFEICISTA

- ✓ **Entenda** o plano de metas, procure se inteirar;
- ✓ **Interesse**, esse é o ponto chave. Sem interesse não haverá disposição para dedicação;
- ✓ **Ao sentir que** não vai atingir a meta, procure a liderança, apresente justificativas e discutam juntos o que fazer para facilitar o trabalho;
- ✓ **Caso esteja sobrecarregado**, peça ajuda, ou priorize as metas mais importantes para o MFC, ou para a sua realidade;
- ✓ **Não desista**. A superação só é possível quando somos perseverantes.

Entenda o que é!

Execução de metas.

Para que as metas saiam do papel e sejam executadas, relacionamos abaixo quatro dicas de como alcançar bons resultados. Isso serve tanto para as Coordenações, em todos os níveis, quanto para as Equipes-base e seus integrantes.

Foco no fator decisivo: procure entender o plano de metas. Descubra as metas mais importantes para sua realidade. Consulte sempre sua liderança.

Mantenha a direção: identifique estratégias de como alcançar seus objetivos. Saiba a direção na qual precisa navegar.

Acompanhe o placar: isto é, acompanhe os resultados, consulte sempre sua liderança sobre o desempenho das metas, questione os envolvidos no processo. Isso ajudará a saber se o caminho que escolheu é o certo, e também ajuda a identificar novas situações.

Resultados: Crie mecanismos para avaliar o desempenho e a caminhada de uma forma geral. Busque sempre discutir o envolvimento e a situação do plano de metas. Troque experiências. Isso enriquece a todos, além de trazer incentivo e responsabilidade às equipes e a todos os envolvidos.

PLANO DE METAS DO MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO (JULHO 07 À JULHO 2010)

Após nossas reflexões acima, conhecendo o que são metas, como atingi-las e descobrindo sua importância e necessidade em nossas relações, vamos apresentar o plano de metas definido pela nossa Coordenação Nacional do MFC, e que serão nossas diretrizes para o próximo triênio:

→ EVANGELIZAÇÃO E CAPACITAÇÃO

→ NUCLEAÇÃO E EXPANSÃO

→ FORTALECIMENTO

REFLEXÃO:

- Em nossa realidade, o que está sendo feito de concreto, objetivando atingir as metas do CONDIN?
- Conseguimos identificar comprometimento com o plano de metas?
- É possível assumirmos um calendário para o cumprimento destas metas?
- Que compromisso podemos assumir, visando uma cobrança para não permitir nossa acomodação?
- Pessoalmente me sinto comprometido com as metas do CONDIN.

GESTO CONCRETO:

Poderia ser elaborado um relatório a ser encaminhado ao CONDIN, relatando o processo de gestão das metas, o que realmente foi concretizado, o que faltou, qual foi o maior impedimento, o que foi mais positivo, o que foi mais criativo, o que foi negativo. Qual o efeito real que se produziu no MFC com as atividades em busca do cumprimento destas metas.

Este relatório poderia ser elaborado por Equipe-base, por cidade, por estado, e por fim pelo CONDIN, que ficaria com o compromisso de repassá-los ao CONDIN.

Se conseguirmos levar a efeito este gesto concreto, teremos uma performance do MFC em diversas regiões, além de obtermos uma avaliação concreta sobre o envolvimento e capacitação dos membros do MFC em relação ao esforço do CONDIN de elaborar o plano de metas com o objetivo de descobrir estratégias para gerir os objetivos do MFC, e alcançar melhores resultados.

PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONDIR SUDESTE
MÓDULO Nº. 06

TEMA: ACOLHIDA
(Um gesto gratificante - Um grande carisma!)

Caros amigos, vamos neste nosso módulo, refletir sobre um tema que é uma característica marcante do Movimento Familiar Cristão. Esta característica por sinal é uma das essências do MFC, um dos seus principais carismas. Vamos refletir sobre ACOLHIDA.

Esta característica marca o MFC desde os seus primórdios, pois sempre, em todas as viagens realizadas, os membros de nosso Movimento são recebidos e acolhidos por pessoas, em sua maioria, membros do Movimento.

Talvez nunca paramos para refletir sobre esta característica, mas é impressionante este gesto. Você se predispõe a acolher em sua casa, alguém que às vezes, você não conhece; e por outro lado, quem vai ser hospedado nem imagina quem irá acolhê-lo, e não sabe em que condições esta acolhida irá acontecer, mas o resultado final é surpreendente, mais à frente perceberemos.

Existem situações, em que os membros do MFC em viagens, acabam sendo hospedados até mesmo por famílias que não pertencem à religião católica, ou não fazem parte do Movimento, e acontece a mesma reação; todos se cativam, e brota um sentimento diferente, que na maioria das vezes termina em uma grande amizade.

Para prosseguirmos, seria interessante um questionamento para trocas de experiências, com o objetivo de enriquecer o conhecimento sobre este assunto:

(O DIRIGENTE DA REUNIÃO DEVE APROVEITAR AO MÁXIMO ESTE MOMENTO)

QUEM JÁ FOI HOSPEDADO? (passar suas impressões e experiências).

COMO FOI O TRATAMENTO QUE RECEBEU?

COMO SE SENTIU?

Podemos aprofundar um pouco mais a nossa reflexão:

NASCEU UMA AMIZADE DESTA ACOLHIDA?

ACONTECEU ALGUM FATO INTERESSANTE QUE MARCOU A HOSPEDAGEM? PODE SER PARTILHADO COM A EQUIPE-BASE?

Depois destas reflexões, podemos avançar um pouco mais este nosso tema.

A ACOLHIDA, através da hospedagem, é muito gratificante dentro do Movimento Familiar Cristão. Este gesto traz em sua essência uma educação para a família. Vivemos em mundo onde é cada vez mais crescente a filosofia do "eu", e por diversas circunstâncias, o ser humano tem apresentado uma tendência de isolamento, principalmente nos grandes centros, por medo e por falta de relacionamentos sinceros. Aqui é que entra a educação que estávamos nos referindo, as famílias acabam, no gesto de hospedar e acolher, criando fortes laços de amizade e relacionamento. As crianças, dentro do lar, são as mais beneficiadas, pois aprendem de seus pais a importância de se cultivar amizades sinceras, que levam a relacionamentos sadios. Criam conceitos muito positivos em relação a amigos, pois percebem que aquelas pessoas, apesar de não serem até então conhecidas, despertam confiança e trazem uma palavra positiva. Podemos então concluir que a família que se propôs a beneficiar com o gesto da acolhida, sem perceber, foi na verdade a grande beneficiada.

Depois de ouvirmos as experiências de quem foi hospedado, vamos parar mais um pouco, desta feita para ouvir o outro lado.

(AQUI TAMBÉM O DIRIGENTE DEVE APROVEITAR AO MÁXIMO)

QUEM JÁ OFERECER HOSPEDAGEM? COMO FOI ESTA EXPERIÊNCIA?

O QUE MOTIVOU O CASAL A OFERECER A HOSPEDAGEM?

EM RELAÇÃO AO GESTO DE HOSPEDAR, HÁ ALGO DE ESPECIAL QUE PODE SER COMENTADO?

Ao se abrir para a hospedagem, a família inicia, sem perceber, um processo de crescimento e maturidade que atinge há todos os seus membros, pois todos acabam se envolvendo e se preocupando com a mesma. São muitos os comentários que já presenciamos de casais, testemunhando, como todos na casa se envolvem, e acaba assumindo cada qual a sua responsabilidade para que os hóspedes se sintam o mais a vontade possível.

O gesto de acolher é muito nobre.

Este gesto está presente em todo o Movimento, em todos os lugares onde o mesmo atua. Esta é uma das místicas do nosso

Movimento. Este gesto fortalece, gera vínculos, e não temos dúvida que a acolhida é um dos pilares que dão sustentação ao nosso Movimento.

Saiba que existe muito de Divino neste gesto.

Sugerimos à Equipe-Base neste momento, parar para uma leitura bíblica, onde vamos descobrir, que também Jesus Cristo, em suas andanças e viagens, realizadas para efetuar o anúncio do Evangelho, também Ele foi beneficiado com semelhantes hospedagens:

(Ler todas as passagens, comentando-as. Oferecer a oportunidade de leitura para todos).

MT 26, 17 – 18. MC 1, 29 – 32. LC 7, 36. LC 10, 38. LC 14, 1. LC 19, 1 – 10 (repetir o versículo 5 e o versículo 9).

Como pudemos perceber, Jesus Cristo, em alguns momentos não espera nem o convite, mas logo se adianta e se “oferece” para a hospedagem. Nota-se que Ele **não** pergunta se aquele que vai oferecer a hospedagem está “preparado” para recebe-Lo. Se tem alimentação suficiente, se vai ser “carne” ou somente “vinho e pão”, se a casa está bem arrumada, se é um “palacete” ou um “casebre”, se o pouso vai ser na cama ou colchão no chão. Para Ele o que importa é o relacionamento, é a amizade, é o crescimento que o gesto irá proporcionar. Aqui também quem beneficia, sem perceber e sem pedir, também acaba sendo o maior beneficiado, pois é comum Ele dizer: “Hoje a salvação entrou nesta casa”.

Percebemos que sempre que Jesus Cristo buscou hospedagem, Ele nunca ouviu uma resposta negativa, ou recheada de “se não”, “talvez”, “porém”. Muito pelo contrário, sempre encontrou hospedeiro alegre e feliz.

Vale a pena conferir na passagem abaixo, as orientações que Jesus Cristo dá a seus discípulos, momentos antes de enviá-los para o anunciarem o Reino:

LC 10, 1 – 11 (repetir versículos de 5 a 7).

O que acabamos de ler é atual, e se aplica aos que hoje se predispõe a, de alguma maneira, anunciar a Boa Nova de Jesus Cristo.

Acreditamos que estas reflexões puderam esclarecer nossos mefecistas, quanto a este gesto, que às vezes são convidados a realizar.

Se você ainda não viveu esta experiência, ela vale a pena.

Em sua próxima oportunidade, não deixe de praticar este gesto Divino.

Antes de terminar, permita-nos, transmitir-lhes uma sugestão:

Quando você for hospedar, para demonstrar seu carinho, deixe sobre a cama, uma **mensagem de boas vindas**. É muito gratificante e sereno para quem está sendo acolhido.

Para você que está sendo hospedado, como reconhecimento pela acolhida e sinal de gratidão, **leve sempre uma lembrança**, por mais simples que seja.

Estes cuidados, embora simples, selam e eternizam a amizade que com certeza irá brotar deste momento.

*Tânia e Tiquinho, Sec. Formação - CONDIR Sudeste
a.feliciano@deltasuper.com.br*

REPASSANDO

Assunto: Vacina anti-cancer RINS E PELE

Vacina anti-cancer - REPASSEM A TODOS!

Boas notícias são para partilhar. Já existe vacina anti-câncer (pele e rins). Foi desenvolvida por cientistas médicos brasileiros, uma vacina para estes dois tipos de câncer, que mostrou-se eficaz, tanto no estágio inicial como em fase mais avançada.

A vacina é fabricada em laboratório utilizando um pequeno pedaço do tumor do próprio paciente. Em 30 dias está pronta, e é remetida para o médico oncologista do paciente

Nome do médico que desenvolveu a vacina:

José Alexandre Barbuto - Hospital Sírio Libanês - Grupo Genoma.

Telefone do Laboratório: 0800-7737327 - (falar com Dra. Ana Carolina ou Dra. Karyn, para maiores detalhes)

<http://www.vacinacontraocancer.com.br>

www.vacinacontraocancer.com.br

Isto sim é algo que precisa ser repassado... Alguém pode estar precisando !!!!!

Por favor, divulguem esta vitória da medicina genética brasileira!!!!

COLABORAÇÕES SÃO BEM-VINDAS

Uma das maiores dificuldades com que a redação se defronta é obter ilustrações de livre acesso para os textos e para a capa.

Supondo que nas famílias de nossos assinantes possam se encontrar algumas pessoas com pendores artísticos, interessadas em divulgar seus trabalhos e colaborar conosco, estamos abrindo espaço para essa participação.

Aos autores das colaborações que vierem a ser aproveitadas brindaremos com assinaturas da revista ou exemplares de obras por nós distribuídas.

Além de nos sentirmos honrados e agradecidos com as colaborações que recebermos, acreditamos que os autores também possam se sentir prestigiados ao verem seus trabalhos divulgados em nossa apreciada revista.

A Redação

AVISO AOS ASSINANTES

IMPORTANTE

1. Para renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** um dos envelopes de depósito ou o boleto bancário que lhe for encaminhado
2. Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR** pelo telefax (32) 3218.4239 ou pelo E-mail: livraria.mfc@gmail.com
3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.
4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago juntamente com os envelopes bancários e/ou boleto para renovação.
5. Temos o máximo interesse em continuar a mantê-lo como nosso assinante.